



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL
EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE
JUNTO A POVOS E TERRITÓRIOS TRADICIONAIS**

RENAN LUIS SILVA DE SOUSA

**O MANEJO DO AÇAÍ E SUAS TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO
RIBEIRINHO DO RIO MAÚBA, EM ABAETETUBA, BAIXO TOCANTINS-PA**

BRASÍLIA - DF

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L953m Luís Silva de Sousa, Renan
O manejo do açaí e suas transformações no território ribeirinho do rio Maúba, em Abaetetuba, Baixo Tocantins-PA / Renan Luís Silva de Sousa; orientador Janaína Deane de Abreu Sá Diniz. -- Brasília, 2023.
60 p.

Dissertação(Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável: Sustentabilidade junto a Povos e Terras Indígenas) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Extrativismo. 2. Baixo Tocantins. 3. Percepções sobre mudanças. 4. Produção. 5. Comercialização. I. Deane de Abreu Sá Diniz, Janaína, orient. II. Título.

RENAN LUIS SILVA DE SOUSA

**O MANEJO DO AÇAÍ E SUAS TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO
RIBEIRINHO DO RIO MAÚBA, EM ABAETETUBA, BAIXO TOCANTINS – PA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do Título de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional Em Sustentabilidade Junto a Povo e Comunidades Tradicionais - MESPT, da Universidade de Brasília.

Área de Concentração: Em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Janaína Deane de Abreu Sá Diniz.

BRASÍLIA - DF

2023

RENAN LUIS SILVA DE SOUSA

O MANEJO DO AÇAÍ E SUAS TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO RIBEIRINHO
DO RIO MAÚBA, EM ABAETETUBA, BAIXO TOCANTINS – PA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do Título de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povo e Comunidades Tradicionais - MESPT, da Universidade de Brasília.

Dissertação Aprovada em: _____

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Janaína Deane de Abreu Sá Diniz – Orientadora (Mespt/UnB)

Prof^a Dr^a Stéphanie Nasuti – Examinadora Interna (Mespt/UnB)

Prof^a Dr^a Eliana Teles Rodrigues – Examinadora Externa (UFPA campus Abaetetuba)

Prof^a Dr^a. Laura Angélica Ferreira Darnet – Examinadora Externa (CDS/UnB)

A Deus!

Aos meus pais, Juliana Claudia e Silvestre Gomes!

Aos Ribeirinhos!

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação só foi possível acontecer porque contei com apoio e colaboração de muitas pessoas e entidades. Fica aqui a minha gratidão a todos que ajudaram direta ou indiretamente na concretização deste sonho.

Tudo se inicia a partir da minha infância, do esforço de meus pais, em especial minha mãe que nos acompanhava todos os dias à escola. Agradeço aos meus irmãos por fazerem parte dessa história. Aos meus avós, Terezinha Cardoso e Miguel Silva por todo ensinamento de vida. À minha namorada, parceira e companheira, Ana Carolina, por fazer parte em minha vida, estando sempre me motivando e incentivando nas horas que mais precisei.

Às minhas ancestralidades e com elas os povos tradicionais. Ao povo ribeirinho do Rio Maúba o meu muito obrigado pelas vivências e contribuição para a realização de nossos estudos, sendo uma conquista também de vocês.

Não poderia deixar de agradecer a minha comunidade do Rio Abaeté, onde vivenciei os melhores momentos da minha vida. Agradecer em especial ao Tio Rogério, presidente da Associação Agroextrativista da comunidade do Rio Abaeté, pelo convite para fazer parte do Movimento dos Ribeirinhos, Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba (MORIVA), onde comecei minha trajetória no movimento social, na luta por direitos e garantia dos nossos territórios. Os ensinamentos que o movimento me proporciona nas formações, com os povos Tradicionais, fez com que eu esteja no MESPT.

Às professoras do MESPT, Ana Tereza, Mônica Nogueira, Stephanie Nasuti, Cristiane Portela, Juliana Rochet, entre outros, meus agradecimentos por todo o ensinamento compartilhado, em especial à professora e orientadora Janaína Diniz, por fazer parte na minha caminhada, sempre me ouvindo e aconselhando em não desistir nos momentos difíceis, e a sempre lutar pelos objetivos, mesmo com dificuldades.

Aos colegas de turma do MESPT, pela relação de amizade que realizamos mesmo em um momento delicado de pandemia. Nossas relações em rede, mesmo com diversas dificuldades, foram importantes para mim, para poder compartilhar o que estava acontecendo em nossos territórios.

Meu agradecimento à UnB e ao MESPT por me proporcionar fazer parte de sua história de luta e resistência, aos Territórios e Povos tradicionais.

Gratidão!

O MANEJO DO AÇAÍ E SUAS TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO RIBEIRINHO DO RIO MAÚBA, EM ABAETETUBA, BAIXO TOCANTINS – PA

RESUMO

A presente dissertação foi desenvolvida no território ribeirinho do Rio Maúba, localizado entre as cidades de Abaetetuba e Igarapé Miri, na região do baixo Tocantins, no Estado do Pará, e tem o objetivo de apresentar, em relação ao manejo do açaí local, os aspectos ambientais, econômicos e sociais, a partir do ponto de vista dos extrativistas. Para isso, o trabalho constituiu-se metodologicamente com levantamento bibliográfico e coleta de dados que se deu por meio de entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado e de registros fotográficos, bem como aplicação da Matriz FOFA (Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), a qual foi empregada para abordar aspectos sociais, ambientais e econômicos relacionados ao manejo do açaí. O primeiro capítulo trata do território entre dois municípios vizinhos e o Rio Maúba, fazendo um breve relato dos seus contextos históricos, além de caracterizar o açaí local. O segundo capítulo traz a contextualização da pesquisa, com a apresentação dos objetivos, junto a revisão de literatura e os procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção dos dados resultantes. No capítulo três são apresentados os resultados de acordo com o objetivo do trabalho com as percepções dos extrativistas. No aspecto ambiental percebe-se o assoreamento do rio a partir da retirada das matas ciliares, no aspecto social ocorre a interação entre todos os atores locais ligados à atividade do açaí, e as mudanças em termos de ocupação e renda são discutidas no aspecto econômico. Diante dos resultados foi possível verificar a importância que o açaí tem na comunidade e nas famílias, pois possibilita não somente a garantia e a manutenção da segurança alimentar, mas também contribui gerando economia e renda. Ademais, a produção do açaí faz com que os moradores da localidade tenham uma vida diferente da experimentada no passado, tanto por aspectos positivos acerca da subsistência quanto por aspectos negativos, devido, dentre outros problemas, às inadequações na gestão da produção do fruto e os impactos ambientais.

Palavras-chave: Extrativismo; Baixo Tocantins; Percepções sobre mudanças; Produção; Comercialização.

AÇAÍ MANAGEMENT AND ITS TRANSFORMATIONS IN THE RIVER TERRITORY OF THE MAÚBA RIVER, IN ABAETETUBA, LOWER TOCANTINS – PA

ABSTRACT

This dissertation was developed in the riverside territory of the Maúba River, located between the cities of Abaetetuba and Igarapé Miri, in the lower Tocantins region, in the State of Pará, and aims to present, in relation to the management of local açai, the aspects environmental, economic and social, from the point of view of extractivists. To achieve this, the work is methodologically constituted by a bibliographical survey and data collection that took place through interviews based on a semi-structured script and photographic records, as well as the application of the SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats) Matrix, which was used to address social, environmental and economic aspects related to açai management. The first chapter deals with the territory between two neighboring municipalities and the Maúba River, providing a brief account of its historical contexts, in addition to characterizing the local açai. The second chapter provides the contextualization of the research, with the presentation of the objectives, along with the literature review and the methodological procedures used to obtain the resulting data. In chapter three, the results are presented in accordance with the objective of the work with the perceptions of the extractivists, in the environmental aspect, the siltation of the river was perceived as a result of the removal of riparian forests, in the social aspect, interaction occurs between all local actors linked to the activity of the açai, and occupation and income are presented in the economic aspect. Given the results, it was possible to verify the importance that açai has in the community and families, as it not only allows the guarantee and maintenance of food security, but also contributes to generating savings and income. Furthermore, the production of açai means that local residents have a different life from the past, both due to positive aspects regarding subsistence and negative aspects due, among other problems, to inadequacies in the management of fruit production and environmental impacts.

Keywords: Extractivism; Low Tocantins; Perceptions about changes; Production; Marketing.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: DESCRIÇÃO DE ALGUMAS ATIVIDADES ECONÔMICAS RELACIONADAS AO EXTRATIVISMO NA REGIÃO DO BAIXO TOCANTINS	18
FIGURA 2: ENTRADA DO RIO MAÚBA, PRÓXIMO À BAIJA MARAPATÁ	19
FIGURA 3: MAPA DOS TERRITÓRIOS ADJACENTES AO RIO MAÚBA.....	20
FIGURA 4: FRETEIRA QUE REALIZA O TRANSPORTE DE CARGAS E PASSAGEIROS ENTRE A CIDADE DE ABAETETUBA E A ILHA MAÚBA.....	21
FIGURA 5: CARTOGRAFIA SOCIAL DO RIO MAÚBA.	24
FIGURA 6: PAISAGEM PREDOMINANTE AO LONGO DO RIO.	26
FIGURA 7: FERRAMENTAS UTILIZADAS NO MANEJO DO AÇAÍ	34
FIGURAS 8: INÍCIO DA LIMPEZA, COM A RETIRADA DE EXCESSO DE MATO.....	35
FIGURA 9: ENCERRAMENTO DA LIMPEZA.....	36
FIGURA 10: LIMPEZA - DESBASTE SENDO REALIZADA COM O USO DO MACHADO (RETIRADA DE ESTIRPE).	37
FIGURA 11: EROSÃO NAS MARGENS DOS RIOS.....	38
FIGURA 12: EROSÃO NAS MARGENS DOS RIOS, E CONSEQUENTE QUEDA DE ÁRVORES.....	39
FIGURA 13: PECONHEIRO REALIZANDO A COLHEITA DE AÇAÍ.	42
FIGURA 14: “DEBULHADOR” RETIRANDO AS FRUTAS DE AÇAÍ DO CACHO E COLOCANDO NA RASA	43
FIGURA 15: EMBARCAÇÃO DE MÉDIO PORTE UTILIZADA PELO ATRAVESSADOR PARA A COLETA E TRANSPORTE DO AÇAÍ.....	45
FIGURA 16: ARMAZENAMENTO E PESAGEM DO AÇAÍ DENTRO DE EMBARCAÇÃO	50

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: QUADRANTES QUE CONSTITUEM A MATRIZ FOFA-----	32
QUADRO 2 - CALENDÁRIO AGRÍCOLA DO AÇAÍ -----	34
QUADRO 3: SÍNTESE DAS ENTREVISTAS A PARTIR DA APLICAÇÃO DA MATRIZ FOFA ----	48

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - LEVANTAMENTO SOBRE A PRODUÇÃO E A COMERCIALIZAÇÃO DE AÇAÍ NA ILHA MAÚBA EM 2022. -----	52
--	----

LISTA DE SIGLAS

AGIS - Especialização em Extensão, Inovação Socioambiental e Desenvolvimento de Sistemas Agroalimentares

CPT - Comissão Pastoral da Terra

DAZ - Especialização em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agroambiental na Amazônia

FOFA - Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças

GRPU - Gerência Regional do Patrimônio da União

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MESPT - Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povo e Comunidades Tradicionais

MORIVA - Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba

NUMA - Núcleo de Meio Ambiente

PAE - Projeto de Assentamento Extrativista

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFV – Universidade Federal de Viçosa

SWOT - Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS -----	13
A TRAJETÓRIA E A PESQUISA -----	13
I – TERRITÓRIOS E TEMAS DE ESTUDO -----	17
1.1 - DOIS MUNICÍPIOS - ABAETETUBA E IGARAPÉ- MIRI - PARÁ -----	17
1.2 - O RIO ENTRE DUAS ILHAS -----	18
1.3 - O AÇAIZEIRO LOCAL -----	25
II – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA -----	28
2.1- SITUANDO O PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA -----	28
III – PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS COM AS MUDANÇAS LOCAIS EM RELAÇÃO À CADEIA DO AÇAÍ -----	33
3.1 – MANEJO DO AÇAÍ E CALENDÁRIO AGRÍCOLA -----	33
3.2 – PERCEPÇÕES QUANTO À DIMENSÃO AMBIENTAL -----	37
3.3 – PERCEPÇÕES QUANTO À DIMENSÃO SOCIAL -----	40
3.4 – PERCEPÇÕES QUANTO À DIMENSÃO ECONÔMICA -----	44
3.5 – APLICAÇÃO DA MATRIZ FOFA -----	47
3.6 – ESTIMATIVA DE FATURAMENTO COM O FRUTO -----	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	54
REFERÊNCIAS -----	56
APÊNDICE -----	60
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI- ESTRUTURADA -----	60

PRIMEIRAS PALAVRAS

A TRAJETÓRIA E A PESQUISA

Eu me chamo Renan Luis Silva de Sousa, nascido no município de Abaetetuba, no Estado do Pará, mais precisamente na Comunidade Nossa Senhora do Bom Remédio do Rio Abaeté, região das ilhas de Abaetetuba, distante aproximadamente 20 minutos da sede do município, via fluvial. Sou filho de Juliana Claudia Silva de Sousa e Silvestre Gomes de Sousa Neto. Ambos são funcionários públicos pelo município, além de extrativistas e agricultores familiares. Tenho três irmãos: Regina Sousa, Rosany Sousa, Silvestre Sousa e uma sobrinha Júlia Sofia.

Sou pescador, agricultor, varzeiro, homem das águas e das florestas, ribeirinho e agroextrativista. Atualmente “assentado” de reforma agrária, nome imposto pelo Estado por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o qual não concordo, pois já habitamos há mais de 200 anos em nosso território. Para o INCRA (2018), um projeto de assentamento é a unidade territorial destinada ao assentamento de famílias de agricultores ou trabalhadores rurais criada ou reconhecida pelo Inca. Já para a jornalista Camilla Freitas, em uma reportagem no site UOL em fevereiro de 2021, a palavra assentamento é relacionada a um local onde originalmente existia um imóvel rural sem função social, ou seja, que, apesar de ter um proprietário, não era utilizado de maneira devida. Deste ponto de vista, nós ribeirinhos, que estamos no local há mais de 200 anos, não somos ou não nos enquadrados no termo “assentados”. Nós somos descendentes dos primeiros povos tradicionais aqui residentes, e, portanto, somos homens das águas e florestas que cultivamos e extraímos nosso trabalho e nossa alimentação, bem como sempre tivemos nossa função social no contexto local.

Contribuo no estabelecimento familiar junto aos meus familiares, nas atividades domésticas e do lote, onde desenvolvo várias atividades, entre elas, o extrativismo vegetal e animal. Dentre todas as atividades que desenvolvo, a principal é o extrativismo do açaí, na qual contribuo no manejo, fazendo a limpeza e a apanha. Trabalho também com o cultivo de algumas outras frutíferas e a criação de pequenos animais.

Faço parte do Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba (MORIVA), o qual foi criado em 2002, com o objetivo de reivindicar por políticas públicas em prol das ilhas de Abaetetuba, com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), sendo minha base de formação de militância desde 2011 quando passei a me engajar na luta por direitos que assegurem a permanência em nosso território.

Na sede do MORIVA, no ano de 2021, enquanto atuei como presidente da Associação do Assentamento Nossa Senhora do Bom Remédio na gestão 2020-2022, foi realizada uma reunião com as lideranças ribeirinhas sobre o planejamento das associações para o ano seguinte. Antes de iniciar, Seu Romilde (*in memoriam*), que já foi presidente do MORIVA e que realizava assessoria para as associações, relatou uma das lembranças de luta com as lideranças acerca da legalização das terras de marinha, a qual iniciou no ano de 1999 com o grupo da Comissão Pastoral da Terra (CPT), e que contou com o apoio dos movimentos sociais e outras entidades, para que pudessem realizar uma luta para retificar a legalização das terras de marinha. Como já imaginavam que a luta não seria tão fácil, organizaram com os movimentos e fizeram uma reivindicação estadual.

“(…) Nós fomos na GRPU (Gerência Regional do Patrimônio da União), eles falavam: nós temos o órgão, mas não temos estrutura. Nós não podemos fazer nada. O INCRA que tem essa estrutura. Fomos até o INCRA, ele dizia: a terra é de competência da GRPU. Então resolvemos que só tinha que ter uma decisão do Ministério do Planejamento [...] nós realizamos um documento e encaminhamos pra Brasília. Em 2002, o documento ficou tramitando entre os gabinetes sendo que o pessoal não sabia nem aonde estava. Foi preciso fazer uma comissão de três pessoas e passamos 15 dias em Brasília [...] Quando a Presidência da República foi assumida pelo Lula, em março de 2003, ele assinou a liberação dessas terras para sim realizar o projeto, que hoje é o Projeto de Assentamento Extrativista (PAE), sendo que as terras foram liberadas para o INCRA para gerenciar e estruturar o projeto.” (Romilde, o Ró, 2021).

Esse relato evidencia o quanto não tem sido fácil, para nós ribeirinhos, termos um pedaço de terra para produzir nossa subsistência, pois já moramos há tanto tempo nesse lugar, mas ainda não somos “donos”. E ainda precisamos concordar que temos direito a nossas terras, geridas por órgãos governamentais.

No ano de 2011, por uma política voltada à Educação do Campo, uma luta dos movimentos sociais, passei em um processo seletivo para fazer parte da primeira turma de graduação em Licenciatura em Educação do Campo no Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura do Campo (Procampo), pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba. Já graduado, em 2018, surgiu a oportunidade de ser bolsista em um projeto pertencente à UFPA, no campus Abaetetuba, indicado pelo coordenador do MORIVA. Em seguida houve um processo seletivo para um curso de pós-graduação *lato sensu* pelo mesmo projeto, me inscrevi e tive que optar por uma das atividades, escolhendo o curso, pois não poderia ser pesquisador-bolsista e aluno ao mesmo tempo, pois para a Especialização em Extensão, Inovação Socioambiental e Desenvolvimento de Sistemas Agroalimentares (AGIS), teria que ter disponibilidade para cumprir o cronograma de atividades propostas, que seria de seis meses de modo intensivo.

Dentre as atividades desenvolvidas no curso de especialização, ocorreram momentos de vivência, nos quais os estudantes eram encaminhados às comunidades tradicionais para acompanhar as atividades do cotidiano desenvolvidas. Foram definidas quatro (4) comunidades junto aos movimentos sociais atuantes em Abaetetuba. Para cada comunidade seguia um grupo formado por cinco (5) estudantes com formações diversificadas. As divisões dos grupos foram realizadas entre os professores e representantes dos movimentos. Fiquei em um grupo que seguiria para uma comunidade localizada no Rio Maúba. No primeiro estágio de vivência me identifiquei com o território e com as pessoas, por eu ser um ribeirinho e conhecer a realidade, porém cada comunidade tem seus hábitos diferentes. Obtive muitos ensinamentos, aprendizados que somaram à minha vida, compartilhamento de histórias e outras vivências, no vai e vem da maré. O agradecimento e os relatos dos ribeirinhos à equipe de estudantes pelo trabalho realizado me motivaram ainda mais na continuidade de nossas lutas de resistências e permanência em nossos territórios, garantindo os direitos de políticas públicas que possibilitem dias melhores para os povos ribeirinhos.

Em uma visita no ano de 2019 ao Rio Maúba, entre os relatos, um agricultor se destacou ao trazer uma problemática que vem afetando a rotina dos moradores ribeirinhos, pois, em sua maioria, não visualizam os impactos causados pela cadeia do açaí, devido a ser prática comum entre eles. As transformações paisagísticas ocorridas na comunidade, principalmente em função da procura para a produção e comercialização do fruto do açaí, fazem com que o ambiente mude as suas características nativas. Assim, destacou-se o assoreamento causado pela retirada da mata ciliar e, como consequência, o prejuízo à navegabilidade, a escassez de pescados, em especial o camarão, tanto para o consumo quanto para a comercialização, entre outros danos.

O Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT) me foi apresentado por meio de um convite feito por John Santiago para conhecer o programa, amigo este que conheci na luta dos movimentos sociais pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). John pertencia à terceira turma do MESPT e já estava concluindo o mestrado, enquanto eu havia recém terminado a minha graduação no curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Ao ler sobre o programa do MESPT, o que me chamou a atenção foram os métodos oferecidos pelo mestrado, ao tratar os povos tradicionais e seus territórios, e mostrar a realidade das comunidades pela permanência em seu território, trabalhando a valorização da cultura e suas identidades e o reconhecimento de práticas sustentáveis aplicadas no território. São poucos os programas que focam em territórios tradicionais.

Como destacado anteriormente, a escolha do Rio Maúba como local para a realização de pesquisa foi um processo que se iniciou quando tive o contato com a comunidade no período de realização do curso de especialização, 2018/19, e me motivou a continuar os trabalhos acadêmicos no território, afinal ele está localizado em um espaço geográfico fronteiro e distante das sedes dos municípios, dificultando o acesso a algumas políticas públicas. Além da logística para o escoamento da produção local, principalmente pela dificuldade de transporte, segurança, entre outros.

Cabe destacar que hoje a demanda do mercado faz com que cresça a produção do fruto do açaí e, assim, no período da entressafra e da safra, ocorrem as práticas de manejo, como a limpeza e, na maioria das vezes, acontece a retirada dos cílios das margens do rio (a mata ciliar) para aumento do plantio. Me refiro aos cílios nessa escrita pois são os protetores de nossos olhos, ele equivale aos rios, furos e igarapés. E, assim também me chamou a atenção a modificação do espaço físico devido ao aumento do cultivo do açaí em detrimento de outras culturas.

Por esses fatores decidi realizar minha pesquisa de dissertação no Rio Maúba e não na comunidade em que nasci e cresci, o Rio Abaeté, sendo que ambas as comunidades são ribeirinhas agroextrativistas tradicionais, localizadas no mesmo município, e estão enquadradas em um mesmo conceito de Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE). Entretanto, são distintas entre si, dentre outros aspectos, quanto à logística, à produção de renda, às características paisagísticas.

Então, já estabelecida com a comunidade do Rio Maúba uma relação de vivência e diálogo, algo marcante para mim e para seus moradores, segui com o propósito de continuar meus trabalhos acadêmicos naquela comunidade e, com a oportunidade de estar no MESPT, apresentar os ribeirinhos do Rio Maúba e sua relação com a cultura do açaí.

I – TERRITÓRIOS E TEMAS DE ESTUDO

1.1 - DOIS MUNICÍPIOS - ABAETETUBA E IGARAPÉ- MIRI - PARÁ

O município de Abaetetuba está localizado à margem direita do rio Maratauíra, a setenta e dois (72) km de distância da capital paraense, Belém. O acesso a partir da cidade de Belém pode ser feito por via fluvial, atravessando um trecho da Baía do Guajará, ou por via rodoviária, através da Alça Viária PA-483, PA-151 ou PA-252. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), estende-se a uma área territorial de 1.610.654 km², e tem aproximadamente 160.000 habitantes. O território de Abaetetuba compreende uma região de arquipélago com 72 ilhas e a região das estradas com aproximadamente 49 colônias agrícolas e 01 vila, bem como um distrito – Beja.

Atualmente o município de Abaetetuba é reconhecido como a capital do brinquedo de miriti. A árvore de miriti (*Mauritia flexuosa*) é uma palmeira nativa de áreas alagadas e de várzea da Amazônia, conhecida em outras regiões como buriti. Possui importância cultural e econômica para o município, visto que os artesãos e artesãs trabalham o ano todo confeccionando brinquedos para serem comercializados principalmente em duas épocas do ano: no Miriti Fest - a maior feira livre de artesanato do baixo Tocantins, a qual é realizada na cidade de Abaetetuba, geralmente no mês de maio; e no período do Círio de Nazaré, em outubro, na capital do estado, Belém.

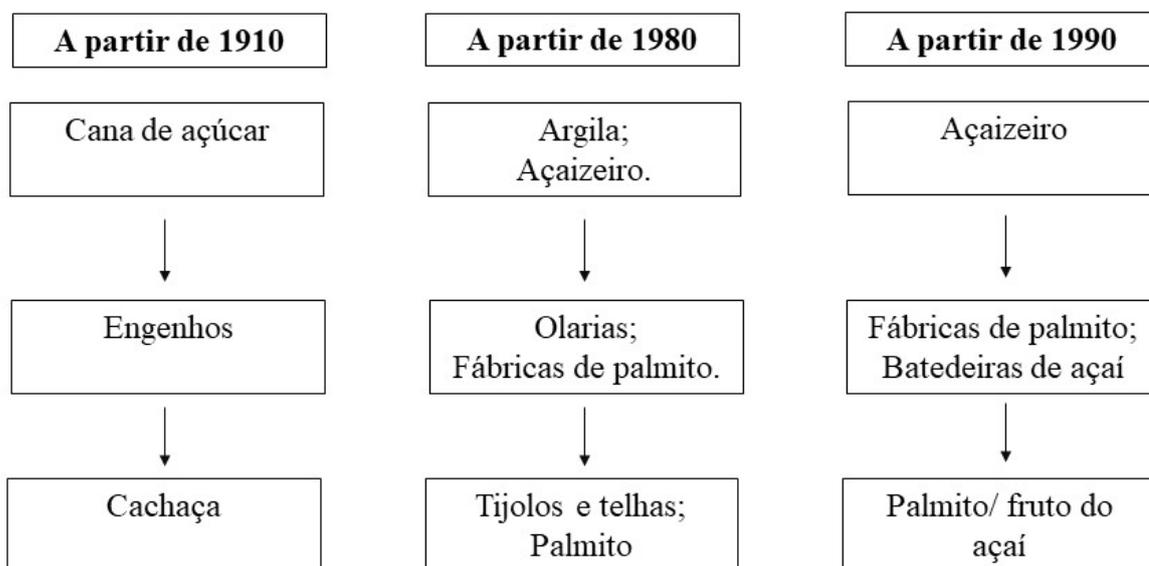
Um dos municípios que faz fronteira com Abaetetuba é Igarapé-Miri. Conforme o IBGE (2021), sua área territorial é de 1.996,79km², e a população é estimada em 64.831 habitantes. É conhecido tradicionalmente como uns dos maiores produtores de açaí, sendo que essa conquista teve início com o Projeto Mutirão, quando o açaí ainda era pouco valorizado comercialmente.

Os municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri, localizados na região do Baixo-Tocantins, Mesorregião do Nordeste Paraense, por cerca de dois séculos tiveram suas economias baseadas no cultivo da cana de açúcar e na fabricação de cachaça por engenhos familiares. Estes dois municípios contavam, entre 1910 e 1950, com cerca de 30 engenhos familiares, localizados em área de várzea (Rogez, 2000).

Anderson e Ioris (1991, apud Diegues, 2001) relatam que a partir de 1975 a produção de cachaça declinou fortemente. Este declínio suscitou uma pauperização geral desses dois municípios nos anos de 1980, contribuindo para um aumento importante da venda do palmito, oriundo da estirpe (caule) do açazeiro, e, portanto, para a destruição de inúmeros açazeiros e para a baixa da produção em frutos. Após os declínios das usinas familiares de produção de

cachaça, surgiram pequenas olarias, que são fábricas de telhas e tijolos, construídos a partir da extração de argila. A figura 1 ilustra esses ciclos econômicos na referida região.

Figura 1: Descrição de algumas atividades econômicas relacionadas ao extrativismo na região do Baixo Tocantins



Fonte: Elaborado pelo autor.

A exploração do açaí, segundo a Agência de Informações Tecnológicas da EMBRAPA, inicialmente era exclusivamente extrativa, mas, desde a década de 1990, em razão do crescimento da valorização comercial, começaram a ser implementadas ações de manejo de açaizais nativos e de cultivos, em várzea e terra firme, com os cultivos podendo ocorrer em sistema solteiro ou consorciado.

Atualmente, a economia local predominante é baseada no fruto do açaí, a qual gera uma rede de produção, extração, transporte e comercialização, inclusive a nível internacional, além de ser a fonte principal nas refeições diárias da localidade e região, acompanhado com diversos alimentos, em especial, o pescado.

1.2 - O RIO ENTRE DUAS ILHAS

Segundo Viana (2014), as famílias que vieram habitar a região das ilhas são originárias principalmente dos municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri, sendo que em seus processos históricos de migração e ocupação espacial, os moradores são oriundos de uma mesma região

geográfica. Conforme alguns historiadores na década de 1930, durante a Revolta da Cabanagem, várias famílias se deslocaram para a região das ilhas a fim de se esconderem das atividades da guerrilha. A Cabanagem foi um movimento de revolta popular ocorrido no século XIX, na região Norte do Brasil. Foi uma revolta com várias versões e visões por historiadores, pois não foi um movimento homogêneo, com os mesmos desejos e reivindicações. De acordo com Pantoja et al. (2014):

Segundo a senhora Avelina Fonseca a qual mora há mais de cem anos nesta comunidade, seus avós estavam incluídos entre aqueles que vieram se esconder, possivelmente é assim que surge a ocupação das Ilhas Maúba e Parurú no Rio Maúba (Pantoja et al., 2014).

O Rio Maúba (Figura 2) está localizado na fronteira dos municípios de Abaetetuba e Igarapé Miri, na região do Baixo Tocantins, no Estado do Pará, sendo ambos os municípios também banhados pelos Rios Pará e Rio Tocantins.

Figura 2: Entrada do Rio Maúba, próximo à Baía Marapatá



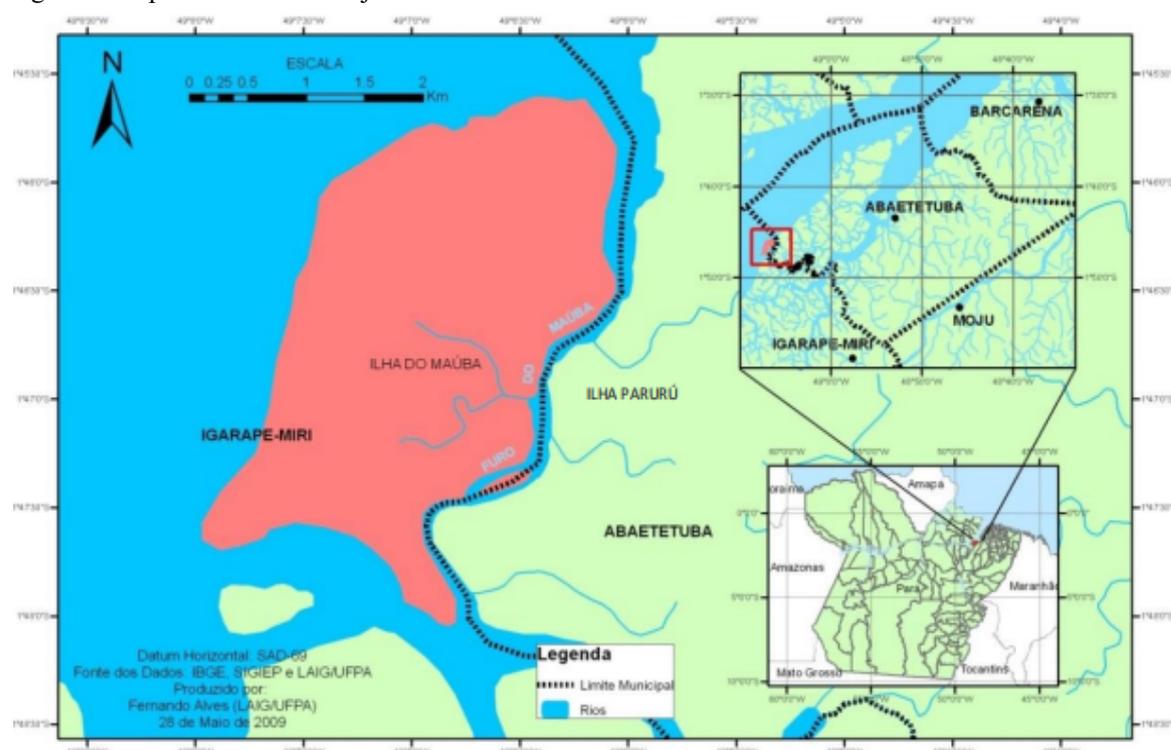
Fonte: Autor, 2021.

A Ilha Maúba está localizada à margem direita do Rio Maúba. À margem esquerda está localizada a ilha Paruru, como é possível verificar na figura 3. Essa localidade é dividida em dois assentamentos: Os Projetos de Assentamento Extrativista (PAE) da Ilha Maúba e da Ilha

Parurú. O PAE da Ilha Maúba recebe este nome devido ao grande número de Maubeiras, árvore da família Lauraceae (*Licaria mahuba*), que havia nesta região pertencente ao município de Igarapé Miri. Segundo Correa (1969), a *Licaria mahuba* (A. Samp.) é também conhecida popularmente como “canela-de-folha-larga”, “itaúba-branca” e “louro-do-amazonas”, e é uma árvore que atinge até 20 metros de altura.

Segundo Viana (2014), a Ilha Maúba ocupa uma área de aproximadamente 916 hectares e conta com 270 famílias assentadas. O PAE da Ilha Paruru ocupa uma área de aproximadamente 3.886 hectares e possui 861 famílias assentadas.

Figura 3: Mapa dos territórios adjacentes ao Rio Maúba



Fonte: Pantoja et al. (2014).

O Rio Maúba é a última localidade ao lado sudeste do município de Abaetetuba. A forma de chegar até a sede do município, na época em que não existia embarcação motorizada era a remo, em uma viagem que durava em média doze horas da comunidade até Abaetetuba. Existiam os remadores, como eram chamadas as pessoas contratadas para realizar esse tipo de viagem. Atualmente, o deslocamento de Abaetetuba até a Ilha Maúba dura de duas a quatro horas, dependendo do tamanho da embarcação, o modelo e a velocidade de motor, e do nível da maré (vazante ou enchente), o que afeta diretamente a dinâmica de deslocamento, pois ocorrem:

variações nas amplitudes das marés a cada sete dias (consequência das fases da Lua) e a cada três meses (intervalo entre um solstício e um equinócio consecutivos), quando volta a repetir o horário de cada maré alta e baixa, já não ocorrem com a mesma amplitude do mês anterior, tornando à estas condições após oito anos (Soares, 2019, p.15).

Nesse sentido, devido às alternâncias da maré, evidencia-se a necessidade de organização aos horários propícios para o transporte de acordo com a enchente, o que pode ocorrer a qualquer hora do dia, exigindo, da população ribeirinha, a adaptação à realidade da natureza.

O traslado entre a sede de Abaetetuba e a comunidade geralmente são realizados por rabetas, embarcações de médio porte, chamadas comumente de freiteiras (figura 4), pois são destinadas ao transporte de cargas e passageiros. É comum as embarcações terem nomes, pois precisam ser documentadas pela Marinha ou Capitania dos Portos.

Figura 4: Freiteira que realiza o transporte de cargas e passageiros entre a cidade de Abaetetuba e a Ilha Maúba



Fonte: Autor, 2022.

Esse registro apresenta um dos principais transportes fluviais para a locomoção das pessoas da sede para a ilha, e vice-versa. A saída ocorre diariamente de um porto da orla da cidade. A comunidade do Rio Maúba é considerada a mais distante da sede do município de

Abaetetuba. O trajeto inicia-se ao longo do Rio Maratauíra, passando pela Ilha Campopema, Ilha da Pacoca, Costa Maratauíra, Furo Grande, Rio Bacuri, Furo Gentil, Rio Paruru, Rio Ajuai, e Baía de Marapatá (Cruz et al., 2019). Ao longo do traslado é perceptível a presença de alguns aparelhos sociais como igrejas, escolas, sedes de eventos, quadras esportivas, e outros, além do composto de casas tanto de madeira quanto de alvenaria, a maioria destes com pontes de acesso e portos para embarque e desembarque das pessoas e encomendas. Um fenômeno bastante presente são os bancos de areia e praias, principalmente durante as marés baixas, tanto no rio Maúba quanto ao longo de toda a Costa Marapatá.

Sobre as especificidades da Ilha Maúba, a vegetação é essencialmente típica das áreas de várzea, composta predominantemente por palmeiras como os açazeiros e miritizeiros, e por macrófitas aquáticas como as aningas. Em alguns trechos contém ainda outras espécies vegetais, como cedreiro (*Cedrela fissilis*), ucuubeiro (*Virola surinamensis*), maubeira (*Acrocomia aculeata*), seringueira (*Hevea brasiliensis*), entre outras. As árvores frutíferas comuns são o cacauero (*Theobroma cacao*), o cupuaçuzeiro (*Theobroma grandiflorum*) e a mangueira (*Mangifera indica*), mas na maior parte das extensões percorridas ocorre a predominância de açazeiros. A fauna da região é composta por mamíferos, como preguiça, tatu, paca; répteis como camaleões, outros animais, a exemplo de sapos, rãs, aves como a cigana e a saracura, além de peixes e crustáceos. Esses dois últimos frequentemente presentes nas refeições diárias e no comércio local da comunidade.

A pesca do peixe e do camarão estão com suas produções em declínio nos últimos tempos. Apesar da queda de produção, a pesca ainda é um dos principais componentes de renda das famílias locais. Especialmente a pesca de camarão, por ser mais acessível e de fácil manuseio dos equipamentos necessários, sendo realizada predominantemente por mulheres e idosos.

Assim como a maioria das comunidades ribeirinhas da região, o Rio Maúba experimenta um crescimento do adensamento dos açazais, processo denominado açaiização. Esse processo envolve diversos aspectos dentro da localidade, a exemplo das relações de trabalho, economia, relação homem-natureza e relação patrão-trabalhador, entre outros, permeando cotidianamente o modo de vida dos moradores e trabalhadores locais (Pinto e Sousa, 2019).

A energia elétrica e as embarcações a motor são as principais mudanças socioespaciais que transformaram significativamente a vida dos moradores da Ilha Maúba, contribuindo para a qualidade e praticidade de vida. Através da energia elétrica é possível o uso de algumas tecnologias como televisão, internet, celulares, computadores, impressoras, máquinas de bater açai (despolpadora), eletrodomésticos em geral, dentre outros. As embarcações de motor a

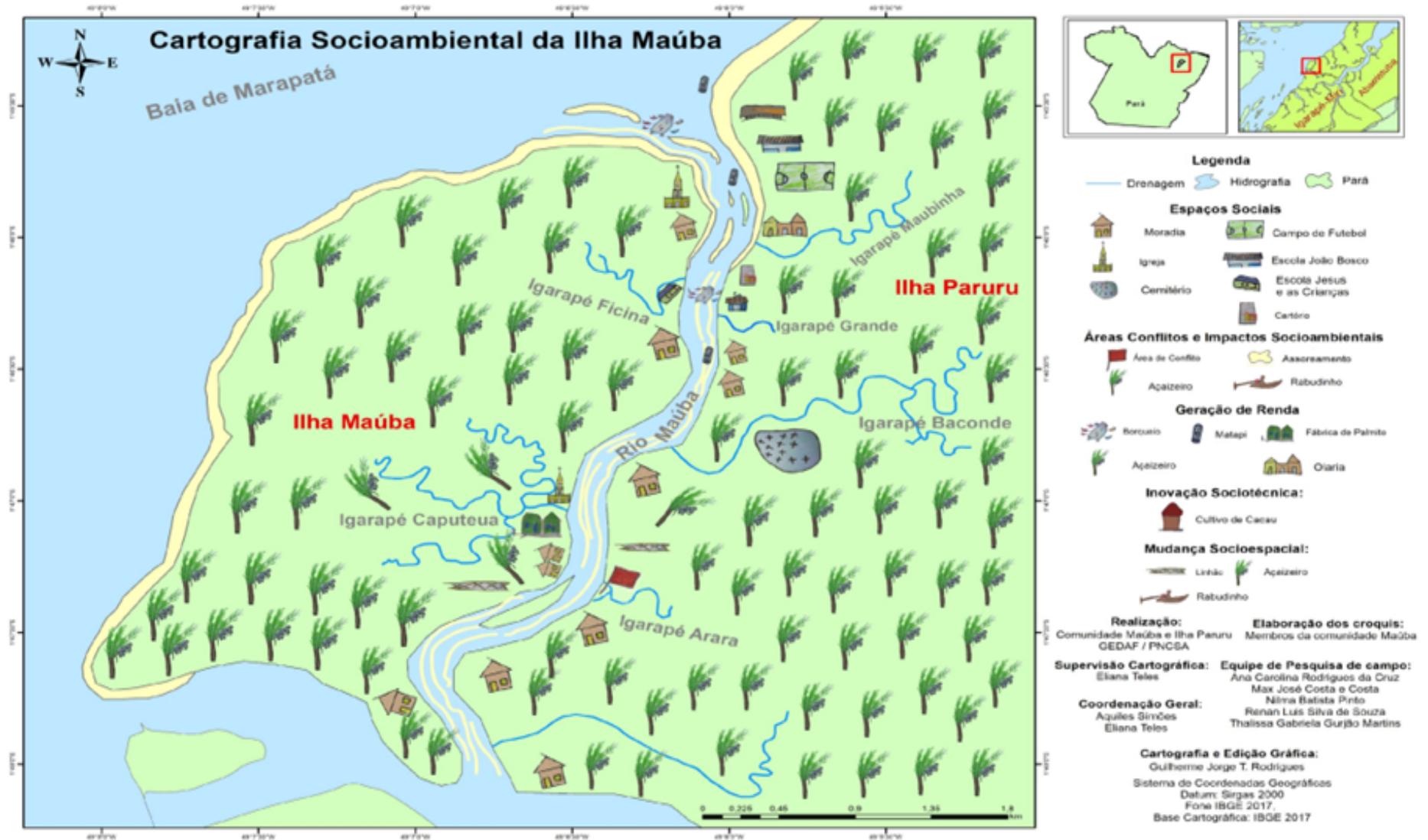
diesel e/ou gasolina facilitam a locomoção dos ribeirinhos até a cidade, dando-lhes acesso mais rápido aos espaços institucionais localizados nas sedes municipais, tanto de Abaetetuba quanto de Igarapé Miri, como hospitais, fóruns, universidades, lojas, entre outros, além de comercialização e transporte dos seus produtos (Pinto e Sousa, 2019).

No Rio Maúba, os artesãos locais preparam brinquedos para seus filhos, mas não costumam comercializar seus produtos oriundos do miriti, ou mesmo ofertam como donativos nas festas religiosas que ocorrem na comunidade.

A Figura 5 traz uma cartografia social da Ilha Maúba, realizada a partir de um croqui feito por alguns moradores do rio Maúba no ano de 2019. Na cartografia social, foram considerados os pontos importantes do que se tem na comunidade, tais como alguns equipamentos sociais como igrejas (católica e protestante), escolas, cemitério e cartório (Cruz et al., 2019). A construção desta cartografia social foi uns dos trabalhos durante o curso de especialização oferecido pelo Núcleo de Meio Ambiente - NUMA/UFPA, pontuando cada pedacinho do território, dando visibilidade em sua construção dos seus modos e culturas a partir dos traços ribeirinhos.

Guareschi (2010, p.78) assegura que a Cartografia Social está especialmente interessada no fenômeno das representações sociais, que compreende os saberes produzidos na e pela vida cotidiana. Abreu e Silva e Castrogiovanni (2021) afirmam que a Cartografia Social auxilia a reforçar as relações existentes em comunidades específicas e, portanto, de certa forma, a ler as paisagens próprias.

Figura 5: Cartografia Social do Rio Maúba.



Fonte: Cruz et al., 2019.

1.3 - O AÇAIZEIRO LOCAL

Balick (1984) postula que as palmeiras são as espécies mais utilizadas pela população rural na Amazônia, sendo usufruídas para alimentação, comercialização, construção, confecção de produtos artesanais, dentre outros. Entre as mais utilizadas está o açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), o qual fornece dois produtos principais, o palmito e os frutos, além de subprodutos como os caroços e fibras, o que o torna um vegetal aproveitado quase que integralmente (Rodrigues; Ribeiro; Silva, 2015).

O açazeiro também pode ser plantado em conjunto com o cupuaçu, o cacau, a manga, a andiroba e o pau mulato, e outras espécies nativas como o taperebá, o miriti, o jenipapo e a seringueira. Segundo Viana et al. (2014), a diversificação consorciada para pequenos produtores rurais que desejam combinar lucratividade e sustentabilidade é um excelente meio de se obter renda, pois a implantação correta dos consórcios de vários tipos de culturas representa a melhor forma de alavancar a produtividade, a qualidade e o lucro do produtor.

O açazeiro é uma palmeira tipicamente de regiões tropicais, principalmente da região amazônica, de igapó e várzea, este último um conjunto das terras parcialmente inundadas, seja duas vezes por dia nas marés cheias, seja durante um único período do ano, sendo as águas ricas em sedimentos e nutrientes (Rogez, 2000), o que contribui para o desenvolvimento do açaí.

O açaí destaca-se entre os diversos recursos vegetais existentes pela abundância e produção de um importante alimento para as populações locais, em especial os(as) ribeirinhos(as). Sua maior ocorrência se dá ao longo do estuário amazônico, onde predominam, além das áreas de várzeas, sendo bastante comum a concentração de grandes maciços naturais conhecidos como “açazais” (Xavier, Oliveira e Oliveira, 2011).

Segundo Rogez (2000), desde o início dos anos 1990 o açaí fez sua entrada maciça e brutal sobre o mercado externo, prefigurando o desenvolvimento de uma nova produção de renda para as comunidades ribeirinhas. Os lotes produtivos apresentam cobertura vegetal predominante em açazeiros e mata. As delimitações dos lotes de cultivo do açaí, em áreas de várzea, são feitas geralmente por estacas de madeiras e por igarapés. O açaí possui significativa importância cultural e econômica nos municípios de Abaetetuba e de Igarapé-Miri, sendo que nos últimos anos a visibilidade sobre o fruto vem aumentando. Com a crescente demanda de consumo, o fruto despertou o interesse comercial e passou a ter um cultivo mais intenso e planejado.

Pela abundância da palmeira açazeiro nestas regiões, a produção em frutos é elevada e a bebida que é elaborada constitui um alimento de base da dieta cotidiana ao longo do ano todo, com a farinha de mandioca, camarão e peixe salgado (Rogez, 2000). Alguns estudiosos afirmam que os frutos do açáí possuem potenciais benéficos para a saúde, e assim são considerados importantes por serem antioxidantes; anti-inflamatórios e por possuírem nutrientes essenciais, com vitaminas e minerais, além de fibras; e possíveis benefícios à saúde cardiovascular.

No entorno do rio Maúba (Figura 6), há predominância de açazeiros, mas é possível encontrar árvores frutíferas como o cacauzeiro, o cupuaçuzeiro e a mangueira. A localização geográfica e sua extensão faz com que se destaque o manejo do açáí em uma maior quantidade, tendo facilidade no plantio em virtude do solo apropriado para a palmeira, se destacando em maior quantidade entre outras espécies.

Figura 6: Paisagem predominante ao longo do rio.



Fonte: Autor, 2022.

Com o aumento da procura no mercado mundial e hoje sendo a principal fonte de renda financeira no período da produção (safra), a sua forma paisagística vai transformando o espaço do território. Importante frisar que a alimentação ribeirinha perante as falas entre as famílias é de não deixar faltar para a subsistência alimentar tanto na safra como na entressafra.

Segundo Silva (2017), a procura do açáí no Pará vem sendo reconhecida e consumida cada vez mais. Isto explica a necessidade de uma logística fundamental na expansão do açáí, visando a qualidade e o volume do produto a ser comercializado.

Devido ao açáí ter se tornado um produto de consumo mundial e ter ganhado destaque na mídia nos produtos farmacêuticos e nas academias de ginásticas, suas vendas foram

impulsionadas de tal forma que a produção extrativa já não era suficiente para satisfazer a demanda crescente. As empresas de despolpamento ganharam força na região a partir do início do século XXI, devido às vantagens locacionais, uma vez que ficam próximas aos locais de extração e devido à grande demanda pela polpa do açaí (Lobo, 2020, p. 105). Segundo informações do Sindicato das Indústrias de Frutas e Derivados (SINDFRUTAS) repassadas ao G1 em 2019, o Estado do Pará é produtor de 95% do açaí no Brasil, possuindo quase 50 empresas que comercializam o açaí para outros estados, o que representa mais de 1,2 milhão de toneladas do fruto. Esse montante chega a injetar na economia paraense algo em torno de US\$ 1,5 bilhão (Sauma; Maia, 2019).

II – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

2.1- SITUANDO O PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA

As populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. É importante ressaltar que esta diversidade é manipulada e domesticada de várias formas e não é vista como um recurso natural, mas como um conjunto de seres vivos, que tem valor de uso ou simbólico, e estão integrados em uma complexa cosmologia (Posey, 1987, apud SILVA et al, 2014).

Segundo Brechelt (2004), o ser humano tem transformado áreas de vegetação natural, de grande complexidade estrutural, em áreas uniformes de cultivos que, em certos casos, podem chegar a centenas de hectares plantados com um só tipo de cultivo. O cultivo desordenado do açazeiro pode causar desequilíbrio ecológico. Para Lopes (2003) a diversidade pode ter uma garantia maior, se for possível valorizar os produtos de outras espécies nativas, além do açazeiro, visto que a biodiversidade pode contribuir com a permanência do bioma, e assim possibilitar a qualidade e o equilíbrio da produção.

Nascimento e Silva (2012) recomendam cautela ao estímulo do manejo dos açazeiros e/ou à implementação de cultivos racionais, uma vez que tal iniciativa pode levar à formação de grandes monocultivos de açaí, podendo vir a ocorrer sérios problemas de desequilíbrio ecológico, com o possível surgimento de pragas, doenças e perda da biodiversidade, uma vez que se trata de um ecossistema pouco estudado.

De acordo com Homma (2006), a modernidade do agronegócio do açaí nas várzeas mais próximas da cidade de Belém está presente nas antenas parabólicas, nos aparelhos de TV e de som, antena de telefone celular, do barco e do atracadouro defronte à casa erguida sobre estacas, das bombas para puxar água do rio para a casa, dos geradores elétricos e das baterias. Como sinal de luxo, reluzentes máquinas de beneficiar açaí, movidas a gerador, enfeitam o interior de diversas moradias, deixando para trás a trabalhosa tarefa de amassar com as próprias mãos.

Chaves et al. (2017) afirmam que na performance produtiva e comercial do açaí é visualizada a participação de diferentes sujeitos sociais inseridos na produção, distribuição, no consumo local e na sua comercialização. Ou seja, este processo envolve mão de obra de vários atores sociais em cada etapa, desde a limpeza de terrenos, colheita feita com o trabalho dos peconheiros e debulhadores, entre outros, até chegar ao principal comprador, para posterior beneficiamento do produto. No período da entressafra a produção diminui, mas alguns

produtores têm açazais que produzem o fruto ao longo do ano, dependendo do manejo empregado.

No Rio Maúba, como explicitado, o açaí faz parte da flora nativa da região. A palmeira está presente em abundância em todas as propriedades. A extração do fruto é a atividade econômica com mais destaque, gerando boa parte da renda local às famílias tradicionais e a terceiros. Desse modo, essa pesquisa parte do questionamento de quais aspectos sociais, ambientais e econômicos são evidenciados pelas famílias no território do Rio Maúba a partir do manejo do açaí, visto que a movimentação da economia local está predominantemente relacionada à cultura e à comercialização do açaí, tendo grande destaque econômico o período da safra, que geralmente ocorre a partir do segundo semestre, mais precisamente entre os meses de agosto e novembro, em virtude do aumento da venda do fruto, o qual gera trabalho e renda local.

Nesse sentido, como objetivo geral, essa pesquisa busca identificar os aspectos sociais, ambientais e econômicos associados ao manejo do açaí pelas famílias no território do rio Maúba. Para isso, fez-se necessário cumprir os seguintes objetivos específicos: dialogar com as famílias sobre as percepções acerca das principais mudanças observadas no manejo¹, na produção² e na comercialização do açaí nos últimos cinco anos; descrever a circulação do açaí na ilha Maúba e as relações desenvolvidas entre os ribeirinhos na comunidade e com parceiros externos; bem como compreender as transformações ocorridas na comunidade, em função do aumento da produção e comercialização do açaí.

2.2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A priori, cabe destacar que o período de atividades do mestrado iniciou no ano de 2020. Infelizmente enfrentamos a pandemia do COVID-19 nos anos de 2020 e 2021, o que reduziu a coleta de dados *in loco* na comunidade. Os dados e resultados apresentados foram obtidos e baseados no ano de 2022. Ainda no ano de 2022, por fatores pessoais e profissionais precisei mudar de residência e conseqüentemente de município, o que intensificou a dificuldade da logística até a comunidade no Rio Maúba.

Os primeiros passos para a elaboração do presente trabalho foi iniciar um levantamento bibliográfico sobre as palavras-chave do tema para, assim, melhor fundamentá-lo, além de

¹ Manejo: Ato de manejar, de fazer algo com as mãos, manejo de um instrumento, ação de dirigir, administração.

² Produção: :Volume do que produz.

realizar pesquisas acadêmicas e buscas de dados em fontes secundárias. O tipo de pesquisa seguido foi a pesquisa descritiva qualitativa, que, para Fonseca (2002), caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza a coleta de dados junto às pessoas, com recursos de diferentes tipos de pesquisa.

A coleta de dados ocorreu por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado e de registros fotográficos. Previamente foi realizada uma breve apresentação do projeto de pesquisa para cinco (05) famílias ribeirinhas, em torno de vinte e duas (22) pessoas moradoras no Rio Maúba, tanto na Ilha Maúba (Igarapé Miri) quanto na Ilha Paruru (Abaetetuba), para que pudessem estar cientes sobre o possível conteúdo de pesquisa a ser realizado. Tais famílias foram indicadas por uma liderança local, a partir de suas relações com a atividade do açaí.

As ferramentas utilizadas no decorrer dos diálogos do dia a dia foram: aparelho celular (gravador, câmera); papel A4; caderno; caneta esferográfica; prancheta. Os dados bibliográficos sobre o local ainda são bem discretos, ou seja, incipientes, porém de suma importância, pois trazem informações e caracterização do lugar.

As visitas às famílias aconteceram em suas residências e/ou em suas áreas de produção agroextrativista, com o intuito de obter os relatos sobre as mudanças ao longo do tempo de manejo, produção e comércio do açaí, entre outros. Entre esses relatos, buscamos identificar os pontos considerados positivos e os pontos considerados críticos; e levantar as diversas formas de relações de comércio, associando-os aos aspectos social, ambiental e econômico no território.

Os diálogos do dia a dia surgiam como uma estratégia participativa. Essas conversas fluíam naturalmente, podendo ser caracterizadas como entrevistas abertas, pois ali foram abordados diversos temas relacionados ao manejo do açaí, aos personagens atuantes na atividade, à organização social, às maneiras de transporte, de comercialização, entre outros. Esses diálogos eram realizados ao longo das atividades rotineiras, tanto nas residências quanto nos locais de produção.

Uma das visitas aos amigos ribeirinhos foi realizada no período do ápice da safra do açaí, entre os meses de outubro e novembro de 2022, com o propósito de acompanhá-los no processo da apanha do fruto à comercialização. Ao longo do trabalho de colheita do fruto foram surgindo diversos relatos dos ribeirinhos sobre uma perspectiva de organização entre eles no período da safra e sobre o valor do açaí na hora da venda. No decorrer das atividades do ribeirinho: no remar, na debulha, na subida da árvore do açaizeiro, no caminhar com a rasa no ombro, na hora do intervalo para tomar um lanche, muitas das vezes o mingau de farinha com

o açaí, do café ou da água para se hidratar, fomos dialogando com as vivências sobre o açaí e seu trajeto.

Foram ouvidas cinco famílias que trabalham de forma intensiva a atividade do açaí, em torno de 22 pessoas, e alguns moradores que atuam na atividade de forma mais discreta. As cinco famílias serão identificadas por nomes fictícios, independente de qual membro tenha feito a fala, a fim de preservar suas identidades, são eles: Mapará, Perema, Jussara, Turiá e Cutia. Outro nome fictício foi dado aos atravessadores como Preá.

Os nomes sugeriram a partir de sugestões de apelidos locais. O site de curiosidades Fantastipedia, apresenta que o Aturiá é nome de mais de uma coisa existente no Brasil, sendo nome de uma planta, de uma ave até mesmo de municípios. Na região do Baixo Tocantins é chamado de Turiá para uma árvore (*Machaerium lunatum*) da família das leguminosas, natural da Amazônia brasileira, das Guianas, América Central, Antilhas e África tropical; tem longos ramos retorcidos, flores azuis ou roxas, vagens falcadas e frutos com propriedades medicinais; é característica de mangues, pântanos ou praias lodosas, constituindo vegetação quase exclusiva de algumas ilhas flutuantes.

Conforme o site do Museu Emilio Goeldi, a Perema (*Rhinoclemmys punctularia*) é uma Tartaruga que ocorre na Venezuela, Guianas, Trinidad e Tobago e no Brasil. No Brasil, ocorre nos estados do Pará, Amazonas, Maranhão, Roraima e Amapá. A espécie vive a maior parte do tempo em pântanos inundados, igarapés, brejos costeiros e fossas ao longo das rodovias. A Perema vive, aproximadamente, 50 anos, e atinge, no máximo, 29 cm de comprimento.

A página virtual do Folha Biológica da Universidade Federal de Viçosa (UFV) informa que a Cutia é um mamífero de pequeno porte, do gênero *Dasyprocta*, quando adulto pode medir entre 50 e 60 cm, e pesar entre 1 e 3 kg, com a cor marrom- avermelhada e contém uma cauda rudimentar e membros dianteiros curtos, os quais a auxiliam na alimentação. São animais herbívoros.

A palmeira Jussara tem aparência semelhante à do açaí e, conforme o site agrofloresta.net, é bastante encontrada na Mata Atlântica e no Cerrado, e conhecida também como palmito-doce. E o Mapará (*Hypophthalmus spp.*) é um peixe amazônico de pequeno porte, sendo um tipo de bagre. Sua pesca é um evento cultural na região do Baixo Tocantins. Já o Preá é um roedor, semelhante aos porquinhos da Índia, e é considerado o ancestral selvagem das cobaias domésticas.

A partir da coleta dos relatos, surgiu a ideia de pesquisar uma ferramenta que pudesse de alguma forma compartilhar em resumo as falas dos ribeirinhos sobre as suas práticas e vivências ocorridas sobre o açaí no Rio Maúba, associando aos aspectos sociais, ambientais e

econômicos. Uma das ferramentas metodológicas que mais se aproximou, a fim de fazer adaptações e apresentar os dados relatados, foi a matriz SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats), também chamada de matriz FOFA (Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças). Essa metodologia é uma ferramenta de orientação estratégica para apoiar a gestão de uma organização.

Segundo Silva Filho (2015), em uma organização, a matriz SWOT (FOFA) ilustra, em síntese, as fortalezas, as oportunidades, as fraquezas e as ameaças, em que nas forças são descritas as suas competências internas de forma positiva, porém quando não utilizadas de forma adequada podem se transformar em fraquezas. Já as oportunidades são as forças externas que podem influenciar positivamente, enquanto as ameaças compreendem as forças externas que não sofrem influência organizacional, porém impactam negativamente.

A dinâmica da metodologia é ser trabalhada em grupo, entretanto, neste trabalho ocorreu de forma adaptada. Os relatos foram realizados por família, onde cada familiar teve a oportunidade de expressar sua opinião, porém na construção da matriz os dados foram individualizados por família previamente identificada com nomes fictícios. As informações resultantes foram organizadas e apresentadas em formato de quadro, relacionados aos objetivos deste trabalho.

A análise FOFA consiste na criação de uma matriz com quatro quadrantes (Quadro 1). Em geral o quadrante superior esquerdo apresenta as forças e o superior direito as oportunidades; já o quadrante inferior esquerdo contém as fraquezas e o inferior direito contém as ameaças.

Quadro 1: Quadrantes que constituem a Matriz FOFA

Fatores Internos	Fatores Externos
Forças	Oportunidades
Fraquezas	Ameaças

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Silva Filho (2015).

Esta metodologia é bastante utilizada nas áreas de planejamento e de gestão, pois facilita uma melhor visualização de aspectos negativos e positivos de uma organização. No presente trabalho a matriz FOFA foi empregada para abordar aspectos sociais, ambientais e econômicos relacionados ao manejo do açai.

III – PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS COM AS MUDANÇAS LOCAIS EM RELAÇÃO À CADEIA DO AÇAÍ

3.1 – MANEJO DO AÇAÍ E CALENDÁRIO AGRÍCOLA

O manejo do açaí diz respeito às práticas utilizadas para e durante o cultivo e a colheita do fruto. Envolve diversas etapas, incluindo a seleção e a preparação da área de plantio, a escolha de mudas ou sementes saudáveis e resistentes, o controle de pragas e doenças e a colheita cuidadosa dos cachos de açaí. Além disso, o manejo é uma forma de amenizar possíveis acidentes quanto à quebra da palmeira, principalmente devido à sua altura. O controle de mato rasteiro busca reduzir o risco de picada de insetos, de cobras, entre outros.

O manejo do açaí é uma atividade complexa, pois consiste em várias etapas e exige certo treinamento dos manejadores e cuidados especiais logo após a colheita dos frutos. Para que uma comunidade possa manejar o açaí de sua área é necessário ter um grupo de pessoas interessados, pessoas treinadas em escalar a palmeira, condições de higiene adequadas para o tratamento dos frutos logo após a colheita, boas condições de escoamento (ramal e veículo disponíveis) e um comprador já contactado. (SEPROF, Documento Técnico, 2004)

No mês de janeiro geralmente não se tem atividades por conta do início do período do inverno amazônico, pois em geral é o mês com chuvas mais intensas na região. No mês de fevereiro já começam as primeiras roçagens do açazal, março e abril continuam as roçagens e, se necessário o desbaste. Já em maio, é realizada a última roçagem e limpeza, pois em junho o fruto do açaí já começa a amadurecer nos cachos.

Nos meses de julho a novembro ocorre o período da safra e as atividades comuns são de apanha, que se refere a subir no açazeiro, seguida pela debulha (retirada do fruto do cacho), e o armazenamento em rasas, que são paneiros confeccionados da tala do braço do miriti ou de fibra plástica.

A partir das falas dos extrativistas do Rio Maúba, foi construído o calendário agrícola do açaí (Quadro 2) para situar acerca dos períodos e mostrar os meses da realização das atividades de manejo da safra e entressafra que acontecem.

Quadro 2 - Calendário agrícola do açaí

MÊS	ATIVIDADE
Fevereiro	Entressafra: manejo, roçagem
Março	
Abril	
Maio	
Junho	
Julho	Safra: Apanha, debulha...
Agosto	
Setembro	
Outubro	
Novembro	
Dezembro	Início da Entressafra

Fonte: Autor, 2023.

Os instrumentos comuns utilizados durante o manejo são o terçado, a roçadeira o costal e o machado (Figura 7). O terçado é uma espécie de faca grande, e é usado para fazer a limpeza em torno e no tronco da palmeira. A roçadeira costal é um equipamento agrícola, movido à combustível, e o operador desse equipamento precisa ter noções de como usá-lo a fim de evitar quaisquer acidentes consigo e com outrem, e é usado para fazer uma limpeza em menor tempo na propriedade, em vegetação de menor porte como relva, mato, arbustos, os quais crescem em meio à plantação de açaí.

Figura 7: Ferramentas utilizadas no manejo do açaí



Fonte: Acervo pessoal (2022).

A ferramenta de trabalho, como a roçadeira costal, veio para agilizar o serviço. Ainda assim, os agricultores não deixaram de utilizar métodos tradicionais com o terçado e o machado, que muitos ainda preferem, pois são as ferramentas que sabem manusear, evitando possíveis acidentes.

O machado também é um equipamento agrícola, manual, de corte e serve para fazer a derrubada do açazeiro mais velho e aqueles que não produzem de forma acentuada, além da redução de estirpes da touceira (monte que une as estirpes), pois é utilizado no corte de troncos mais duros. O excesso de estirpe retirado pode ser levado para uso como lenha e construção de pontes, paredes, entre outros.

Oliveira et al. (2007) propõem alguns cuidados para o manejo da palmeira. O primeiro passo é a limpeza da área a ser manejada, devendo-se eliminar plantas de menor porte e cipós (Figura 8). Algumas vezes o plantio pode ser realizado pela remoção de mudas ou semeando a lanço, o que ocorre quando as sementes são jogadas por alguém, por exemplo, em uma caminhada pelo lote, de forma e em direções aleatórias. As sementes em geral são nativas e manejadas pelos próprios ribeirinhos com seu conhecimento tradicional, outra vez as mudas nativas são transportadas para outros espaços, para seu crescimento final.

Figuras 8: Início da limpeza, com a retirada de excesso de mato.



Fonte: Autor, 2022.

O manejo é realizado pelo próprio extrativista, dono do terreno, ou por um diarista, e geralmente inicia no período da entressafra do fruto, que coincide com o período do inverno amazônico, entre os meses de janeiro e maio. O manejo inicia com o processo de roçagem, que consiste na retirada do excesso de mato (Figura 9), e a limpeza das touceiras.

Figura 9: Encerramento da limpeza



Fonte: Autor, 2022.

Homma (2006) afirma que uma particularidade nas áreas manejadas é a não utilização do fogo, em decorrência dos danos que provocam nos perfilhos e plantas jovens oriundas da regeneração natural. A biomassa resultante da derrubada é deixada no local, decompondo no prazo médio de um ano. Assim sendo, as imagens de satélites não detectam facilmente este tipo de derrubada. O uso do motosserra é descartado em favor do machado, uma vez que fica mais fácil manobrar a queda de árvores e de buritizeiros de grande porte, sem prejudicar as touceiras de açazeiros.

A manutenção também se dá por meio do desbaste do açazal (figura 10), de árvores mais antigas e mais altas, para a retirada de palmito (no caso de açazeiros) e para proporcionar a entrada de luz solar, entre outros, para assim dar um melhor rendimento na safra. O desbaste consiste na remoção de algumas árvores ou apenas algumas estirpes da touceira. É a época que exige um trabalho cuidadoso para se ter uma boa colheita no período da safra, de junho a novembro.

Figura 10: Limpeza - desbaste sendo realizada com o uso do machado (retirada de estirpe).



Fonte: Autor, 2022.

As demais limpezas são realizadas de acordo com a necessidade do açaizal, daí a importância de observá-lo todos os dias, principalmente no período da safra, a fim de não perder a quantidade e a qualidade do fruto, visto que o manejo inadequado do açai, incluindo a exploração excessiva e a degradação do solo, pode ter consequências negativas para o meio ambiente e para as comunidades locais, incluindo a perda de biodiversidade, a degradação do solo e a redução da disponibilidade de recursos naturais, pois, como mencionado por um agricultor local, “para um manejo saudável, tem que respeitar a planta, o ciclo da natureza dela” (Turiá, 2022).

3.2 – PERCEPÇÕES QUANTO À DIMENSÃO AMBIENTAL

Diegues e Arruda (2001) referem-se ao extrativismo, como o uso e conhecimento de fibras, sementes, óleos, resinas; ao conhecimento e manejo do solo, da água e sua função; ao conhecimento sobre os astros, planetas, satélites e sua relação com as práticas espirituais e místicas; à produção artística e visão estética originárias do uso de recursos naturais, tais como tinturas, cerâmicas etc. A biodiversidade é o ambiente no qual se desenvolvem as habilidades dos povos tradicionais, bem como elemento definidor da conduta de perpetuar os recursos naturais.

O conhecimento tradicional compõe um conjunto de informações, modos de fazer, criar e saber, que são transmitidos oralmente entre os participantes de determinado grupo, transcendendo gerações, via de regra agregados à biodiversidade e que representam não somente o trabalho destas comunidades, mas constituem parte da sua cultura, suas práticas e seus costumes.

Para a comunidade local, o conhecimento tradicional é de suma importância no plantio até a colheita do açaí, pois já há a convivência no habitat e já conhecem a natureza do fruto e as influências da maré, as vantagens que o solo local disponibiliza para a fartura do plantio, além da diversidade biológica.

Porém, com a intensidade da exploração do açaí de várzea, a mata ciliar nativa começa a ser modificada com maior frequência para abrir espaço para a implantação de mais palmeiras de açaí, ou seja, começa a ter um certo desmatamento, pois são retiradas árvores com raízes mais profundas e semeados/plantados frutos de açaí. E, conseqüentemente, ocasionando possíveis erosões (Figura 11) nas margens do rio.

Figura 11: Erosão nas margens dos rios.



Fonte: Autor, 2022.

A erosão consiste em um processo que pode ser causado por ação antrópica ou ser natural (por agentes como água e vento). Refere-se a um desgaste no solo e com isso pode alterar a paisagem do ambiente. A aceleração dos processos erosivos, que vem ocorrendo em todo o Brasil e em outras partes do mundo, decorre muito mais de interferências antrópicas no meio ambiente, tais como, a retirada da cobertura vegetal, alteração de cursos de rios, assoreamento de corpos d'água; que propriamente de eventos geológicos segundo Fonseca

(1999, apud Guerra; Silva; Botelho, 2012), levando, por exemplo, à queda de árvores (Figura 12).

Figura 12: Erosão nas margens dos rios, e consequente queda de árvores.



Fonte: Autor, 2022.

No rio Maúba, uma das consequências perceptíveis, em relação à erosão, é o assoreamento das margens do rio, pois os sedimentos e materiais orgânicos são transportados para o corpo d'água, o que compromete a navegabilidade e impacta ecossistemas aquáticos, já que o rio “fica raso”, gerando problemas, como evidenciado em dois relatos:

“[...] o aumento da produção do açaí trouxe mudanças para a comunidade. Aonde se tinha muitas das vezes a mata ciliar com raízes profundas que de fato segura a terra para não descer ao leito do rio, hoje se encontra palmeiras de açaí, o aumento de embarcações trouxe bastante acidentes no território [...]” (Mapará, 2022).

“[...] os barrancos tão caindo tudo, [...] quero só ver quando a rabeta não passar mais[...]” (Jussara, 2022).

Tais relatos evidenciam que durante o processo de plantio do açaí o cenário físico tradicional passa por diversas mudanças, seja por meio das ações antrópicas, e/ou por meio de ações naturais, conforme relatos nos últimos cinco anos, houve diversas mudanças. Nesse sentido, Karr et al. (1986, apud Goch, 2007), apresenta cinco classes de fatores ambientais que, quando alterados, provocam estresse em componentes bióticos de ecossistemas de rios e igarapés: (1) a mudança na qualidade, quantidade e disponibilidade sazonal de alimento para o organismo; (2) a deterioração da qualidade da água, incluindo mudanças na temperatura e

excessivas turbidez e sedimentação; (3) as modificações dos habitats, incluindo o substrato; (4) a quantidade ou o fluxo de água; e (5) as interações bióticas.

Em relação ao território em volta do rio Maúba, ele vem sofrendo mudanças por ações antrópicas e ações naturais, principalmente na modificação do paisagismo local, e que impacta diretamente nas relações sociais e econômicas, pois todos os residentes do rio possuem interação direta com o fenômeno da “maré”.

3.3 – PERCEPÇÕES QUANTO À DIMENSÃO SOCIAL

A frequência do fluxo de transportes aquáticos, como as freiteiras e as rabetas próprias facilitaram a locomoção de pessoas e encomendas da comunidade à sede do município, e vice-versa. Também provocou uma melhor atuação participativa nos interesses comuns entre os comunitários. O acesso a informações com a instalação da energia elétrica trouxe para a comunidade ferramentas tecnológicas como celulares e computadores e acesso à internet.

O fruto do açaí é altamente valorizado na cultura local e hoje sua comercialização se expande, se tornando um grande mercado financeiro a nível nacional e internacional. Com o aumento da procura pelo fruto, os ribeirinhos se adaptaram a realizar o manejo duas vezes ao ano, no período do inverno amazônico e no final dele, já se preparando para a colheita. Com a expansão desse mercado houve uma facilidade para acessar créditos via bancos, por meio de políticas públicas de acesso ao crédito com diversos programas direcionados a agricultores em especial ao produtor de açaí, porém essa mesma facilidade acaba por preocupar alguns extrativistas, haja vista o risco de inadimplência.

A renda obtida por meio da atividade do açaí promoveu para muitos a construção e/ou reforma de casas com boa qualidade, promovendo um melhor conforto à família. Além disso, nos portos dessas casas, geralmente, há pelo menos uma embarcação de pequeno porte, seja com motor ou não, o que facilita o deslocamento dentro e para fora do território.

Com o aumento de renda é perceptível que fortaleceu socialmente a convivência, a doação de donativos, principalmente nos festejos tradicionais de comunidades religiosas, e os vínculos familiares, entre outros. Além dos benefícios, infelizmente também chegaram os malefícios como as drogas e a violência.

“[...] A presença da violência também na comunidade devido a entrada de drogas faz com que os ribeirinhos durmam de portas trancadas em suas próprias casas. Nós como ribeirinhos não devemos aceitar essas mudanças que venham mudar nossos hábitos de ser natureza em que temos conhecimentos enraizados culturalmente em nosso território [...]” (Turiá, 2022).

A comercialização do açaí influencia diretamente na qualidade de vida das famílias, haja vista que além de ser utilizado para consumo próprio, nos últimos anos já é produzido para ser vendido a vizinhos, atravessadores e/ou diretamente na feira do município. O atravessador, também chamado de marreteiro, é o agente de comercialização que atua na cadeia produtiva como intermediário, na comercialização do produto independente da origem, entre os agricultores, até o mercado para revenda e/ou consumidor final. Para Chaves et al. (2017), “esses marreteiros são responsáveis pela circulação do produto; uns residem na comunidade; outros, fora; uns possuem embarcação; outros, não” (p. 261).

A demanda por mão de obra local, para atuar na atividade, permite que muitos obtenham uma maior renda, porém acaba se tornando limitada, pois na safra do açaí a procura por mão de obra é grande. O manejo do açaí sofre com a falta de capacitação na gestão financeira dos negócios. O escoamento da produção é facilitado por atravessadores, que vão em sua maioria comprar o fruto diretamente no porto do produtor/agricultor, gerando renda à família e facilitando o acesso a ferramentas utilizadas em campo.

“[...] O nosso território, com o aumento da produção e a comercialização do açaí, melhorou bastante a renda dos ribeirinhos principalmente na safra do fruto, nós verifica os comércios movimentados na comunidade e quando vamos a feira de Abaetetuba as freteiras quando voltam, vem com bastante compras pros pessoal aqui, para o seu sustento daquela semana, hoje temos bastante casas de alvenaria, que nós não tinha condições de mandar construir por não ter dinheiro, outra coisa a maioria das famílias já tenham geladeira, fogão, televisão e uma embarcação a motor mesmo pequena e assim o mercado local vai se fortalecendo [...]” (Perema, 2022).

“[...] já fecho com ele (peconheiro), ele apanha pra mim só dia de quinta, porque é quando dá pra ele, porque ele tira(açaí) pra outros pessoal [...]” (Mapará, 2022).

O porto da cidade de Abaetetuba é aonde se recebe a maior produção de açaí das ilhas, e o Rio Maúba tem uma disputa grande nessa comercialização do seu produto. O produto é vendido para pessoas geralmente com embarcação própria de médio porte – chamaremos aqui de atravessador, o qual é morador da própria localidade ou de localidade vizinha.

A relação existente entre os produtores e os atravessadores está ligada muitas das vezes aos vínculos familiares e às amizades construídas no decorrer do tempo. Os “atravessadores internos”, que são moradores da própria comunidade, os quais acompanham o preço de mercado, pagam um valor justo na rasa do açaí, pois constantemente reajustam os valores na comunidade de acordo com o mercado. Por consequência, os atravessadores externos também

têm que reajustar o valor do produto. Sendo que a maioria dos produtores vende o açaí na própria localidade.

“[...] eu lembro que na década de 90 a venda do açaí era mais local e só vendia no beiradão que é o mercado da cidade de Abaetetuba, quando não vendia tudo se tinha a troca com mantimentos feita na feira mesmo, sendo que eu levava no máximo três rasas bem cheia nessa época não se pesava o açaí, esse tempo não se tinha tanto o manejo como se tem hoje, o cuidado de estar limpando o açazeiro, a comercialização do fruto do açaí não se tinha tanto valor em relação a mercado, sendo que em toda esquina de Abaetetuba se tinha uma bateadeira para a retirada do suco para a população se alimentar, pois o litro do açaí chegava no valor de R\$1,00. Para nós ribeirinhos o açaí sempre será importante, não apenas financeiro, mas sim fonte de alimento para mim, minha família e futuras gerações que estão por vir, por isso a importância de cuidar de forma adequada da nossa terra [...]” (Turiá, 2022).

A relação do trabalho durante a apanha envolve dois personagens de suma importância que são o peconheiro e o debulhador. O peconheiro (Figura 13) é o apanhador do fruto do açaí, apresenta esse nome pois sua principal ferramenta é a peconha. A peconha é feita tradicionalmente de saca de fibras ou da própria folha do açazeiro, e é usada para auxiliar na prática de trepar (subir) no açazeiro. Essa prática vem de tradição familiar. As crianças, antes mesmo de aprenderem a nadar, já têm o hábito de brincar de subir nos açazeiros, que geralmente ficam em torno das casas, por observarem o pai, avô ou outra pessoa da família na retirada dos cachos do açaí.

Figura 13: Peconheiro realizando a colheita de açaí.



Foto: Ana Cruz (2022).

O peconheiro é essencial na atividade da apanha do açaí. Sem a sua presença não se tem uma colheita em maior escala. O seu conhecimento de verificar o fruto antes mesmo de subir no açazeiro para ver se está maduro otimiza o trabalho e a colheita, evitando trabalho desgastante. A sua performance necessita de força e agilidade para apanhar o fruto, sempre com muita atenção e com seus rituais antes da primeira subida, geralmente o gesto do sinal da cruz pedindo a proteção da mãe natureza. No período da entressafra, o peconheiro, em geral, passa a atuar como o roçador/limpador do terreno. Outro personagem é o debulhador (Figura 14), que é a pessoa que retira o fruto do cacho.

Figura 14: “Debulhador” retirando as frutas de açaí do cacho e colocando na rasa



Foto: Ana Cruz, 2022.

Por se tratar de uma atividade menos complexa, de acordo com um dos participantes, “[...] no sábado vem toda a garotada debulhar, não tem frescura [...]” (Perema, 2022). Essa retirada deve ser feita com cuidado para não machucar o fruto e nem jogar longe do recipiente em que está sendo armazenado. Geralmente se utiliza luvas, do contrário as mãos ficam tingidas com tons arroxeados, além da possibilidade de prejudicar a qualidade do fruto.

O peconheiro e o debulhador são dois personagens que a tecnologia ainda não conseguiu tirar de ação, sendo a melhor solução para a atividade do extrativismo do açaí, pois foram adaptadas ferramentas para a retirada do açaí na palmeira, mas que não deu certo pelo motivo de não ter a certeza do cacho se está apto ao consumo. Com base na safra de 2022, o peconheiro recebeu R\$10,00 reais por cada rasa e o debulhador R\$5,00 por cada rasa. E esses trabalhadores são em números limitados, haja vista a demanda. Além disso, podem assumir outros serviços,

como a limpeza em geral do lote. Tais mãos de obra são predominantemente do grupo familiar, mas podem ser de terceiros/diaristas para suprir a demanda da produção.

3.4 – PERCEPÇÕES QUANTO À DIMENSÃO ECONÔMICA

As relações mercantis são essenciais para o funcionamento da economia global e são reguladas por leis e normas que visam garantir a transparência, a segurança e a justiça nas atividades comerciais.

“As relações mercantis foram fortalecidas ainda no ciclo da borracha e tornaram-se uma das formas de identificação da sociedade amazônica da época. Este sistema originou-se em meados do século XVIII quando não se usava moeda metálica no Pará, eram usados como dinheiro e modalidades de troca apenas os produtos da Terra (Santos, 1980, p.157)”.

Neste sentido, as relações mercantis ocorridas no território do Rio Maúba para as atividades na produção e comercialização do açaí podem ser a base de moeda monetária e/ou, quando um ribeirinho necessita de um adiantamento de crédito, é possível na comunidade a presença de um financiador, que consiste em uma pessoa realizar um empréstimo em dinheiro ou um bem de consumo a outra pessoa e este restitui a dívida contraída, no momento da safra, com o repasse do fruto do açaí de seu lote. Tal prática pode ser evidenciada nos relatos seguintes:

“[...] repasso a minha produção mais pro senhor Preá pelo motivo dele ter me emprestado dinheiro para terminar a construção da minha casa [...]” (Cutia, 2022).

“[...]vendo o meu açaí pro Preá, quando preciso de dinheiro para fazer a limpeza do meu açaizal, ele me empresta e no final lhe pago com açaí [...]” (Mapará, 2022)

[...] Quando preciso de alguma ferramenta tipo um facão (terçado), um fio pra roçadeira, eu compro ou anoto na mercearia ali da entrada, quando não tem o que quero, ou encomendo aqui mesmo, mas se tiver na pressa peço pro freteiro (responsável pela freteira) trazer da cidade [...] (Jussara, 2022)

Desse modo, ocorre um sistema de adiantamento de mercadorias a crédito. O financiador e o financiado em geral mantêm relações de confiança e afinidade, e geralmente essa prática de adiantamento de pagamento ocorre na entressafra. Esta negociação é chamada de repasse de açaí negociado na folha (Pinto e Sousa, 2019).

Na realização da comercialização e circulação do açaí no Rio Maúba, relatarei o personagem do atravessador por meio do nome fictício Preá. O senhor Preá, morador do Rio Maúba, trabalha com a compra e a venda do açaí, e tem o seu estabelecimento rural. Antes mesmo de iniciar a safra do açaí, ele anuncia pela comunidade que nesse período comprará o fruto. Isso é uma forma de organização informativa aos ribeirinhos para que estejam cientes sobre a atividade a ser desenvolvida. No decorrer do período da safra ele vai até o porto de algumas casas oferecendo as rasas para o armazenamento do açaí, para já ser apanhado e debulhado. O produto é pesado e cada rasa armazena em média 14 Kg, e custa de R\$30,00 a R\$45,00 no período de safra. No final da tarde o produto arrecadado é levado até sua residência para a organização das rasas em sua embarcação de porte médio (Figura 15), que suporta em torno de 2 toneladas, para assim ser transportado até o porto da cidade de Abaetetuba.

Figura 15: Embarcação de médio porte utilizada pelo atravessador para a coleta e transporte do açaí



Foto: Autor, 2022.

O circuito de comercialização tem duração de 2 a 4 meses ao ano, conforme contrato estabelecido exclusivamente para o período de início da safra até o final dela. O seu Preá também é um fornecedor de crédito, quando os extrativistas necessitam de um financiamento

de crédito eles o procuram e o acordo do pagamento é o repasse do açaí que muitas das vezes é negociado na folha antes mesmo do período da safra.

“[...] vendo o meu açaí para o senhor Preá por motivo de pagar o melhor preço e por motivo de muitas vezes de me chamar para trabalhar com ele na colheita do açaí e na limpeza do açazal [...]” (Cutia, 2022).

“[...] eu vendo pro Preá o açaí, por fazer o pagamento no momento da compra e por nós morar no mesmo Igarapé, ele passa todo dia na frente de casa e conversamos de vez em quando. Na entressafra eu vendo meu açaí na feira de Abaetetuba, levo na freiteira que ele cobra R\$1 por rasa, só não posso levar mais de 7 rasas pelo motivo de estar transportando pessoas [...]” (Perema, 2022)

“[...] vendo o açaí pro Preá, mesmo eu tendo embarcação, eu confio nele para pesar o meu açaí na hora da venda [...]” (Turiá, 2022).

A presença do atravessador para muitos é essencial para a economia local, pois podem vender sua produção em seu próprio porto, sem a necessidade de ter despesas com deslocamento. Isto facilita com que o produto do ribeirinho seja escoado para o mercado, pois na maioria das realidades ele não tem um transporte de porte adequado para fazer o traslado até a comercialização na sede de Abaetetuba.

“[...] vendo o meu açaí direto para o atravessador, primeiro ele já me oferece as rasas para armazenar o açaí, depois ele vai buscar no porto de casa e me paga na hora do embarque o meu açaí, facilita muito pra mim, pois não tenho uma embarcação própria pra tá levando em Abaetetuba e ainda teria que levar a noite o açaí, risco de ser assaltado dentro do rio ou na baía, por isso prefiro vender pro atravessador no porto de casa [...]” (Perema, 2022).

Ainda que para muitos a oferta do serviço ofertado pelo atravessador seja essencial, para outros a realidade relatada é de não querer depender deste agente para o escoamento de sua produção. Sendo uma ameaça devido ao valor de compra do produto:

“[...] só vendo para o atravessador por conta que não tenho um transporte adequado, eu não tenho autonomia no valor do meu açaí, ele coloca o preço que quer pagar [...]” (Jussara, 2022).

As dificuldades em realizar planejamento e controlar adequadamente todo o ciclo do processo produtivo faz com que alguns não consigam se atentar ao valor recebido e dividir de forma adequada quanto aos custos com despesas, manutenções e o lucro obtido.

“[...] talvez aqueles cursos de gestão financeira ajudem a gerenciar o lucro. Pra que também tenhamos dinheiro no inverno, sem precisar estar emprestando de ninguém [...]” (Jussara, 2022)

“[...] nesse período nós que temos terreno um pouco grande, temos um custo alto para a realização do manejo, pagamos pessoas para fazer a limpeza em torno do açaiçal, às vezes são retiradas as árvores maiores de altura e retiramos o palmito para a venda, sendo que a venda do palmito chega a um real dependendo da espessura, Se nós não saber gerenciar o dinheiro que pegamos da venda do açai no período da safra, acontece de emprestar e se endividar com outra pessoa, quando chega a safra muita das vezes só trabalhamos para pagar as contas, sendo que não temos uma noção certa do preço do açai por conta que fica variando de preço na época que o atravessador vem comprar, por isso precisamos se organizar em relação a gestão financeira e tentar organizar uma associação da própria comunidade, para melhorias e valorização do nosso trabalho na venda do nosso açai. Nós dizendo de fato quanto queremos pelo nosso açai [...]” (Turiá, 2022).

Como evidenciado nesses relatos, é de suma importância conhecimentos sobre gestão financeira para gerenciar os lucros e evitar contrair dívidas, bem como para ter o controle sobre o valor do produto, sendo uma solução pertinente a criação de uma associação de produtores de açai para manter o controle e a segurança sobre ações comerciais.

3.5 – APLICAÇÃO DA MATRIZ FOFA

Para a construção e organização da Matriz FOFA (Quadro 03) foram levadas em consideração as dimensões ambientais, sociais e econômicas apresentados nos tópicos 3.2, 3.3 e 3.4, a partir dos diálogos com as famílias agroextrativistas. Posteriormente, foram resumidas e distribuídas em síntese no quadro 3.

Quadro 3: Síntese das entrevistas a partir da Aplicação da Matriz FOFA

FORÇAS	OPORTUNIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecimento tradicional local 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Diversidade biológica ➤ Solo adequado a plantio nativo
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Facilidade de transporte de pessoas e encomendas ➤ Atuação participativa ➤ Participação da cultura familiar ➤ Crédito local 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Acesso a informações diversas ➤ Acesso ao crédito
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Melhoria na qualidade de vida ➤ Mão de obra local 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Valorização do fruto do açaí ➤ Atravessador ➤ Renda ➤ Acesso a ferramentas para manejo
FRAQUEZAS	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Retirada de mata ciliar 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Erosão das margens do rio ➤ Assoreamento do rio
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Dependência financeira 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Chegada de drogas ➤ Chegada da violência
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Dependência financeira ➤ Falta de capacitação em gestão da atividade ➤ Inadimplência ➤ Mão de obra limitada 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Atravessador

* Legenda das Dimensões:

- Ambiental
- Social
- Econômico

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

As fortalezas (forças) apresentadas destacam que o conhecimento tradicional é ditado por conta da maioria dos envolvidos já terem contato direto com o açaí desde jovens, e já verem os atos em relação ao manejo como “comuns”, pois envolve a cultura familiar. Quanto o quesito social, o envolvimento com o açaí, facilitou o acesso e a condição de ir e vir com mais frequência em suas embarcações ou por freteiras ou enviar e receber encomendas, além disso essa facilidade de locomoção facilita acesso a reuniões em grupo, igrejas, em atividades diversas, e assim ocorre uma atuação participativa bem maior. O açaí trouxe melhores condições de vida às famílias, no sentido das condições de moradia, podendo comprar eletrodomésticos, embarcações, eletroeletrônicos, entre outros, envolvendo em sua maioria a mão de obra local na atividade no período de safra e entre safra.

Nas oportunidades a localidade possui uma vasta diversidade biológica, principalmente quando se trata de facilitar a produtividade dos frutos, pois há a presença de vários agentes

polinizadores, além disso os solos de várzea são de boa fertilidade devido ao fluxo de movimentação das marés, sendo assim se tornam propício ao plantio nativo de várzea e o cultivo. Com o acesso as ferramentas tecnológicas e socialização, facilita o acesso a diversas informações, tanto local quanto global, e ter acesso de informações aos programas e requisitos necessários de acesso a crédito. E, com a valorização do fruto do açaí, há a oportunidade de acessar crédito via bancos, além disso e na comunidade existem alguns “financiadores” que emprestam valores, os quais já possuem certa afinidade e confiança, sabendo que terão retorno financeiro à época da safra, que é quando a renda é elevada, e assim vem a conveniência de quitar empréstimos, comprar ou promover manutenção de ferramentas, entre outros.

Alguns veem o personagem “atravessador” como uma oportunidade para escoar sua produção para fora da comunidade, enquanto outros o veem como uma ameaça argumentando que se vendessem diretamente ao consumidor teriam um melhor lucro.

Enquanto a fraqueza o envolvimento com as vantagens que o açaí traz vem a frequente retirada da mata ciliar, a troca de árvores com raízes mais profundas por açaizeiros, com raízes mais superficiais. Outra fraqueza no sentido social e econômico pode vir a ser a dependência financeira, pois é frequente a possibilidade de crédito com outros moradores locais, uma vez que quando uma dívida é quitada, já precisa iniciar outra. E quando se recebe crédito de banco, o não gerenciamento adequado da atividade pode acontecer a inadimplência, e restrição do nome a outros benefícios. Além desses, a valorização e a procura pelo fruto, esbarra na limitação de mão de obra especializada no período da safra.

As ameaças estão relacionadas à percepção do aumento de erosão às margens do rio, e, conseqüentemente o assoreamento. Além disso, com as modernidades são atraídos alguns malefícios como introdução de drogas e, conseqüentemente, de violências.

3.6 – ESTIMATIVA DE FATURAMENTO COM O FRUTO

Após a apanha e a debulha, o açaí é armazenado em rasas e basquetas (Figura 16) e pesado, sendo que as rasas suportam um peso de aproximadamente 14kg. No período da safra de 2022, correspondente aos meses de agosto a novembro, os preços da rasa variaram de R\$30,00 a R\$45,00, sendo que na entressafra esse valor chegou até a R\$100,00.

Figura 16: Armazenamento e pesagem do açaí dentro de embarcação



Foto: Autor, 2022.

A figura acima mostra o Preá dentro da embarcação realizando a pesagem do açaí e organizando os frutos em rasas com pesos equiparados para posterior ida à sede da cidade, essa pesagem pode ocorrer no porto do Preá ou de alguns agricultores.

Na tabela 1, busquei apresentar valores aproximados de custos e receitas com a coleta e a venda do fruto do açaí, baseado no ano de 2022. O valor médio usado da rasa na safra foi de R\$35,00. Cada família extrativista apresentou a quantidade média de rasas comercializadas, independente de revendedor ou consumidor final. Os nomes estão identificados conforme já adiantado, com nomes fictícios. O peso médio da rasa com açaí é de 14 kg. Em seguida temos a soma que foi totalizada de rasas coletadas, facilitando a contagem da produção retirada. A quantidade de rasas somadas foi de 5.800, e mostra a importância do manejo planejado para a chegada da safra.

De acordo com os relatos apresentados por Jussara, ele e a cōnjuge são os responsáveis pela debulha, pois afirmam que fica mais fácil de observar a quantidade e qualidade do fruto. Ambos afirmam que não incluem o valor de sua mão de obra, mas o que tiram de lucro investem nos custos da casa e outros investimentos da família.

O senhor Perema se destaca na tabela por utilizar a mão de obra familiar, incluindo a sua e dos componentes de sua casa, não pagando a mão de obra a terceiros, assim, usufrui dos valores adquiridos com as despesas e investimento na casa e na família. Não necessariamente pagando diárias, mas sim contribuindo com as pessoas da casa de forma direta, o que demonstra que o núcleo familiar está bem presente no período da safra do açaí.

O senhor Turiá tem o número de rasas mais expressivo, e pelo tamanho de sua área de produção, além da mão de obra familiar, conta com terceiros para a apanha e debulha.

O senhor Cutia tem uma produção menor e ainda assim precisa da mão de obra do peconheiro e do debulhador, pois não tem núcleo familiar suficiente para a colheita. Sendo assim, pelo motivo de estar pagando ainda duas pessoas, o seu valor líquido é menor.

O senhor Mapará aparece como o segundo maior produtor em rasas de açaí e com isso o seu valor bruto no momento da safra é superior aos demais, devido a sua produtividade ser provavelmente um número expressivo.

Tabela 1 - Levantamento sobre a produção e a comercialização de açaí na ilha Maúba em 2022.

Produtor	R\$ médio p/ Rasa (Saфра)	Total de Rasa (2022)	R\$ Peconheiro p/ rasa	R\$ Debulhador p/ rasa	R\$ médio de custos Peconheiro	R\$ médio de custos Debulhador	R\$ médio de custos = Mão de obra	R\$ venda de rasas Total	R\$ líquido
Jussara	R\$ 35,00	1.100	R\$ 10,00	R\$ 0,00	R\$ 11.000,00	R\$ 0,00	R\$ 11.000,00	R\$ 38.500,00	R\$ 27.500,00
Perema	R\$ 35,00	600	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 21.000,00	R\$ 21.000,00
Mapará	R\$ 35,00	1.500	R\$ 10,00	R\$ 5,00	R\$ 15.000,00	R\$ 7.500,00	R\$ 22.500,00	R\$ 52.500,00	R\$ 30.000,00
Cutia	R\$ 35,00	300	R\$ 10,00	R\$ 5,00	R\$ 3.000,00	R\$ 1.500,00	R\$ 4.500,00	R\$ 10.500,00	R\$ 6.000,00
Turiá	R\$ 35,00	2.300	R\$ 10,00	R\$ 5,00	R\$ 23.000,00	R\$ 11.500,00	R\$ 34.500,00	R\$ 80.500,00	R\$ 46.000,00
Total de rasas		5.800							

Fonte: pesquisa de campo, 2022.

A partir da tabela 1 foi verificada a média dos resultados dos valores (R\$) das famílias extrativistas, evidenciando que se houver organização e gestão financeira efetiva no período da safra do açaí, a margem de receita pode ser bem maior e, conseqüentemente, o lucro. Essa organização da gestão poderia ser aplicada por meio do hábito que o extrativista ainda não conseguiu adotar, o uso de um caderno para as suas anotações, o que é necessário para que o produtor possa tomar decisões sobre a sua produção, visto que as anotações auxiliam o produtor na decisão sobre o que produzir, já que esta é a primeira e mais importante decisão, a partir da qual serão tomadas as demais decisões do planejamento.

Portanto, o conceito de gestão pode ser aplicado perfeitamente na atividade extrativista familiar, sobre o quanto gastou, quanto vendeu e o seu lucro final. Com a experiência de cada produtor, a aplicação do conceito de gestão poderá dar suporte à atividade rural em busca da redução dos riscos e de melhor resultados na produção e nos lucros.

O caderno tem a finalidade de auxiliar o produtor rural na redução dos custos de produção, captação de crédito para que o agricultor possa pesquisar o melhor crédito e não fique endividado com o banco, contribuindo para a elevação da produtividade e da qualidade de seus produtos. Busca-se também, melhorar as condições da renda financeira do produtor, buscando alternativas de estar crescendo a partir da produção. O processo de gestão compreende o ato de administrar, auxiliando o produtor nas suas atividades do dia a dia e nas suas decisões para a sua produção.

As cinco famílias geraram um total de 5.800 rasas de açaí, com o peso de uma rasa de 14 kg, vendidas individualmente em média por R\$35,00, totalizando aproximadamente 81,2 toneladas.

A importância que o açaí tem na comunidade e nas famílias representa não somente a garantia e a manutenção da segurança alimentar, mas também contribui gerando economia e renda, o que faz com que os ribeirinhos tenham hoje uma vida diferente do passado, tanto por aspectos positivos acerca da subsistência quanto negativos devido à degradação do ambiente e inadequações na gestão da produção de açaí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos tradicionais têm uma relação estreita com o meio ambiente, ligados por modos e culturas próprios, transmitidos de geração em geração. Resistem para a preservação de seus territórios, sua rica herança cultural e, por isso, seus conhecimentos sobre o meio em que vivem são de grande valor para a humanidade, os quais são essenciais para a subsistência e sustento do território ribeirinho, que dependem diretamente desses recursos para alimentação, moradia, medicamentos tradicionais e outros usos.

Este trabalho propôs apresentar um território ribeirinho e sua relação com o açaí, fruto que ganhou popularidade no mundo. No caso da comunidade do Rio Maúba o açaí é fonte de nutrição, saúde, sustentabilidade, cultura, tradição e renda.

Decerto, o trabalho é resultado do envolvimento das famílias extrativistas do açaí do território do Rio Maúba. A partir da escuta, observação e participação nas rodas de conversa, foi possível oferecer às famílias ribeirinhas as informações reunidas que colaboram para o seu desenvolvimento socioeconômico, preservação cultural, compreensão do ambiente e melhoria da qualidade de vida. Essas informações podem dar mais visibilidade ao território, buscando auxiliar na manutenção da subsistência e no sustento das famílias do território ribeirinho, que dependem diretamente desses recursos para alimentação, moradia, interação social, geração de renda e outros usos.

Com os relatos obtidos foi possível verificar a necessidade de ações de políticas públicas, com ações de educação ambiental, visando compreender a biologia da planta e do solo e quais cuidados, a atenção a ter com ela; além de capacitações quanto às técnicas de manejo do açaí; entendimento e prática da gestão de negócios e associativismo, a fim de melhorar o escoamento da produção, entre outros.

Esta dissertação buscou apresentar a relação social, ambiental e econômica dos residentes do Rio Maúba com a palmeira do açaí, principalmente o fruto, e a economia local. A proposta metodológica, ao utilizar a matriz SWOT/ FOFA, buscou apresentar em síntese o ponto de vista de alguns dos moradores envolvidos diretamente com o fruto do açaí.

A principal fortaleza da comunidade está baseada no conhecimento tradicional, no conhecimento empírico envolvido com o açaí. Durante as conversas foram bem felizes quando perceberam as diversas oportunidades que possuem diante do fruto, por possibilitar melhorar suas condições de vida, ainda que sejam gritantes as fraquezas e ameaças ligadas à palmeira com a comunidade. É importante enfatizar que o açaí para este território é a principal fonte de

subsistência e geração de renda local e, por conta disto, a preservação da biodiversidade é a garantia de bem-estar dos ribeirinhos.

REFERÊNCIAS

ABAETETUBA – PA. **História da Cidade de Abaetetuba**. Disponível em <<http://www.abaetetuba.pa.gov.br>> acessado em 01 de janeiro de 2023.

ABREU E SILVA, P. R. F de. CASTROGIOVANNI, A. C. **A cartografia social no contexto escolar: estudando espaços vividos a partir das representações de paisagens**. Para Onde!?, v. 15, n. 1, 2021, p. 01-15.

ATURIA. **Fantastipedia**. Disponível em < <https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/Aturia>>, acesso em novembro de 2023.

DIEGUES A. C.; MOREIRA A. C. C. (Org). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB; USP, 2001, p.163-179.

BALICK, M. J. **Ethnobotany of palms in the Neotropics**. *Advances. Economy Botany*, v.1, p. 923, 1984.

BRECHOLT, A. **O Manejo Ecológico de Pragas e Doenças**. Tradução por Hildegard Susana Jung, Jaime Miguel Weber. Fundação Agricultura e Meio Ambiente (FAMA), República Dominicana - 2004.

CHAVES, G. P. C.; CARDOSO, D. M.; FURTADO, L. G. Sobre açaí numa comunidade da Ilha Saracá (PA): Um exercício etnográfico na região do Baixo Tocantins. In: **Mercados Populares em Belém: Produção de sociabilidade e identidades em espaço urbano**; RODRIGUES. C. I.; SILVA. L. J. D.; CAÑETE. V.; R. organizadores. Belém: NAEA, 2017, p.260-269.

COELHO, A. et al. **Patrimônio do Nosso Meio**. Programa de Arqueologia Preventiva da Companhia de Alumina do Pará, 2012.

CORREA, M.P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 4 v., il. 669 p. 1969.

CRUZ, A. C. R.; COSTA, M. J. C. E. ; PINTO, N. B.; SOUSA, R. L. S.; MARTINS, T. G. G.; SIMOES, A.; TELES, E.; SOMBRA, D.; RODRIGUES, G. J. **Cartografia Socioambiental da Comunidade Ilha Maúba**. 2019; Tema: Modo de Vida e Usos do Território. Disponível em <<https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/tecnologia-social-de-formacao-de-agentes-de-inovacao-socioambiental-ts-agis>>, acesso em janeiro de 2022.

DIEGUES, A. C ARRUDA, R. S, V. (Orgs.) **Saberes Tradicionais no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

EMBRAPA. **Locais de produção do açaí**. 2021. Disponível em < <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/acai/pre-producao/importancia-socioeconomica/locais-de-producao-do-acai>> Acesso em janeiro de 2022.

GUERRA, A.J.T., DA SILVA, A.S., BOTELHO, R.G.M. (Eds.). **Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

Folha Biológica. **Cutia, um roedor lucrativo!** Volume 6. 2015. Universidade Federal de Viçosa. Disponível em < <https://folhabiolologica.crp.ufv.br/?p=742>>, acesso em novembro de 2023.

FREITAS, C. **O que é e como funciona um assentamento?** ECOA Uol, por um mundo melhor. 2021. Disponível em <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/02/13/o-que-e-e-como-funciona-um-assentamento.htm>>, acesso em janeiro de 2023.

GUARESCHI, P. **Representações Sociais, Mídia e Movimentos Sociais**. In: GUARESCHI P. (et al) (Org). **Representações Sociais em Movimento: psicologia do ativismo político**. Porto Alegre: EDIPURS, 2010, p.77-91.

HOMMA, A. K. O.; NOGUEIRA, O. L.; MENEZES, A. J. E. A.; CARVALHO, J. E. U.; NICOLI, C. M. L.; MATOS, G. B. **AÇAÍ: NOVOS DESAFIOS E TENDÊNCIAS**. Amazônia: Ci. & Desenv., Belém, v. 1, n. 2, jan./jun. 2006.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Abaetetuba. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/abaetetuba/panorama>>. Acesso em 17 de janeiro de 2022.

_____, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Igarapé-Miri. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/igarapemiri/panorama>>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Decreto Nº9.311**, de 15 de março de 2018. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9311.htm>, acesso em janeiro de 2023.

Jussara. **Extração de polpa Jussara**. Disponível em <<https://www.agrofloresta.net/static/fotos/jussara/index.htm>>, acesso em novembro de 2023.

GOCH, Y.G. F.; **Efeitos do assoreamento sobre as comunidades de peixes da bacia do rio Urucu, Coari**, Manaus, Amazonas: INPA/ UFAM, 2007.

LOBO, E. F. **Dinâmica econômica e reestruturação espacial no baixo Tocantins: implicações socioespaciais da cadeia produtiva do açaí em Igarapé-Miri PA**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/15290>. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

LOPES, M. L. B. **Distribuição dos retornos sociais do manejo do açaí no estado do Pará**. In: GRAÇA, H. (Org.). **O meio amazônico em desenvolvimento: exemplo de alternativas econômicas**. Belém: Banco da Amazônia, 2003, p.19-46.

Museu Paraense Emílio Goeldi. **Quelônios**. Disponível em <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/colecoes/parque-zoobotanico/copy_of_quelonios>, acesso em novembro de 2023.

NASCIMENTO, G. S. V. do.; SILVA, T. M. S. da. **O Extrativismo Vegetal na Amazônia do Século XXI: Do cultivo ao manejo do Açaí**. XVII Encontro Nacional de Geógrafos. UFMG – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG. 2012.

OLIVEIRA, M. S. P.; FARIAS NETO, J. T. PENA, R. S. **Açaí: técnicas de cultivo e processamento**. Instituto Frutal, Fortaleza, 2007.

PANTOJA, J. C. VIANA, A. W. L.; SILVA, M. E. M.; PANTOJA, S. S.; DIAS, W. S. P. **Diagnóstico Rural Participativo nos PAEs Maúba e Parurú, Municípios de Igarapé Miri e Abaetetuba, Estado do Pará**, Especialização em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agroambiental, UFPA, Belém, PA, 2014.

PINTO, N. B.; SOUSA, R. L. S.; **CARTOGRAFIA SOCIAL DAS RELAÇÕES MERCANTINS NA ILHA MAÚBA-PA: Insígnias de um Aviamento Moderno e Relações Personalizadas na produção e comercialização do açaí**. Universidade Federal do Pará- UFPA, 2019.

SILVA, R. O.; JARDIM, M. A. G.; FERREIRA, M. C. F.; LIMA, P. G. C.; MENEZES, L. M. C. A cadeia de valor do açaizeiro (*Euterpe Oleracea* Mart.) e o etnoconhecimento associado em Curralinho, Pará. In: SANTANA, A. C. (organizador). **Mercado cadeia produtiva e desenvolvimento rural na amazônia**, UFPA, 2014, p. 225-246.

RODRIGUES, E. C. N.; RIBEIRO, S. C.; SILVA, F. L. **Influência da cadeia produtiva do Açaí (euterpe oleraceae mart.) na geração de renda e fortalecimento de unidades familiares de produção, Tomé Açu-PA**. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA Campus Castanhal. 2015.

ROGEZ, H. **Açaí: Preparo, Composição e Melhoramento da conservação**. Belém- PA. EDUFPA, 2000.

SAUMA, Jorge; MAIA, Caio. **Caminhos do açaí: Pará produz 95% da produção do Brasil, fruto movimentou US\$ 1,5 bi e São Paulo é o principal destino no país**. Pará. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/03/15/caminhos-do-acai-para-produz-95-da-producao-do-brasil-fruto-movimentou-us-15-bi-e-sao-paulo-e-o-principal-destino-no-pais.ghtml> Acesso em: 22 de novembro de 2023.

SANTOS, R.A.O. **História Econômica da Amazônia: 1800-1920**/ Roberto Santos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SEPROF. **Manejo de açaí solteiro (Euterpe precatoria Mart.) para produção de frutos**. Por Lúcia Helena de Oliveira Wadt e outros. Rio Branco, AC: Secretaria de Extrativismo e Produção Familiar, 2004.

SILVA, D. A. P. **Açaí: Expansão Comercial e Cadeia Produtiva**. UFPA/Belém, 2017.

SILVA FILHO, A.M. **Sobre a análise SWOT para planejamento e gestão de projetos.** Revista Espaço Acadêmico, N° 169 – junho/2015, p. 53-57.

SOARES, Rafael Guedes. **O Estudo Das Marés Em Uma Sequência Didática Investigativa Para O Ensino Médio** / Rafael Guedes Soares. -- Rio de Janeiro. 123 f. 2019.

VIANA, A. W. L.; NERIS, C. R.; SILVA, L. M. S.; KATO, O. R, **SAFs e Sustentabilidade: A avaliação de um agroecossistema familiar, localizado no município de Tomé Açú-PA**, X Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção. PTI – Foz do Iguaçu, PR. 2014.

VIANA, Antonio Wemerson de Lima. **Manejo Intensivo dos Açaizais no Estuário Amazônico e seus Impactos Ecológicos.** UFPA/ Belém, 2014.

XAVIER, L. N. B., OLIVEIRA, E. A. A. Q., OLIVEIRA, A. L. **EXTRATIVISMO E MANEJO DO AÇAÍ: atrativo amazônico favorecendo a economia regional**, XIII Encontro Latino Americano de iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação. Universidade do Vale do Paraíba. São José dos Campos- SP. 2011.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI- ESTRUTURADA

- 1) Qual a importância do açaí no seu dia a dia?
- 2) Quais os benefícios advindos do plantio do açaí?
- 3) Quais as principais dificuldades na época da safra?
- 4) Como é a venda do açaí?
- 5) Existe atravessador na comercialização? Se sim, qual sua relação com ele?
- 6) Quantas rasas aproximadamente você tirou nesta safra?
- 7) Qual o preço da rasa, na safra e entressafra?
- 8) Como acontece a relação de trabalho?
- 9) Quais foram as transformações identificadas no aspecto ambiental?
- 10) Quais foram as transformações identificadas no aspecto social?
- 11) Quais foram as transformações identificadas no aspecto econômico?